

coleção em questão
Virtual nº 1

CULTURA IORUBÁ

Costumes e Tradições

Maria Inez Couto de Almeida
Ifatosin

Publicações
Ifatosin's



2006

Copyright @ 2006 Maria Inez Couto de Almeida

Projeto de Extensão Universitária da UERJ Publicações Dialogarts

Sub-Reitoria de Extensão e Cultura – SR2

Departamento de Programas e Projetos de Extensão – DEPEXT

Centro de Educação e Humanidades – CEH

Instituto de Letras – ILE

**Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia
Românica – LIPO**

Coordenação: Prof.ª Dr.ª Darcília Simões e Prof. Dr. Flavio García

Assessoria Executiva: Prof. Dr. Cláudio Cezar Henriques

Revisões de língua, digitação e diagramação: Flavio García

Diagramação: Flavio García e Poliana Azevedo de Macedo

Capa: Darcília Simões, Flavio García e Maria Inez Couto de Almeida

Coleção Em Questão virtual

www.dialogarts.com.br

S390 Almeida, Maria Inez Couto de.

**Cultura Iorubá: costumes e tradições / Maria
Inez Couto de Almeida, Ifatosin. – Rio de
Janeiro: Dialogarts, 2006.**

173 p. – (Coleção Em Questão virtual, nº 1)

Bibliografia.

ISBN 85-86837-24-5

**1. Iorubá (Povo africano) – Cultura, usos e
costumes. 2. Cultos afro-brasileiros. I. Título.
II. Série.**

**CDD 391
392
393**

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 85-86837-24-5



9 788586 837241

Índice

| | |
|---|----|
| PREFÁCIO..... | 5 |
| DEDICATÓRIA | 9 |
| AGRADECIMENTOS..... | 10 |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| COSTUMES E TRADIÇÕES..... | 14 |
| O R E I..... | 22 |
| HIGIENE E BELEZA | 28 |
| COMPORTAMENTO GRUPAL | 38 |
| CASAMENTO E MORTE | 54 |
| O SOBRENATURAL NO FOLCLORE AFRICANO | 80 |
| EXEMPLO DE LENDAS DO FOLCLORE IORUBÁ | 84 |
| AS BRUXAS | 87 |
| RELIGIÃO | 92 |

| | |
|---|-----|
| O PENSAMENTO IORUBÁ SOBRE O CRIADOR | 94 |
| CONHECIMENTOS SOBRE ALGUNS ORIXÁS | 100 |
| IDIOMA | 144 |
| NOMES PRÓPRIOS E TÍTULOS | 146 |
| MESES DO ANO | 151 |
| DIAS DA SEMANA (nomes tradicionais) . | 153 |
| PROVÉRBIOS E ADIVINHAÇÕES | 154 |
| SAUDAÇÕES..... | 159 |
| PALAVRAS ESPECIAIS FORMA DE EXPRESSAR SENTIMENTOS | 166 |
| DEDICATÓRIAS..... | 170 |
| BIBLIOGRAFIA | 171 |
| MARIA INEZ COUTO DE ALMEIDA | 173 |

PREFÁCIO

Em 2002, para a edição impressa deste mesmo título na Coleção Em Questão, dizíamos que aquele então novo volume – *Cultura Iorubá* - Costumes e tradições – punha em destaque a cultura negra iorubana, trazida para o Brasil pelos escravos africanos, nos porões dos navios negreiros, durante o longo período de tráfico de escravos entre a costa africana e a América. Junto à mão-de-obra importada à força, veio um complexo sistema ideológico-mítico-religioso de ver e de estar no mundo. A filosofia de vida do africano, que cruzara o vasto Atlântico, procurou, no novo mundo, sob a fúria dos açoites, um modo de resistir, de subsistir, de adaptar-se, de permanecer.

No Brasil, sob a designação popular e mais genérica de candomblé, a cultura e a religião africanas encontraram lugar e mantiveram-se vivas. Mas muito de sua tradição histórica, de suas origens nativas, de sua essência, ou se perdeu ao longo dos tempos, ou se deixou embotar pela pressão cristã do mundo branco. Hoje, tem-se feito grande esforço no sentido de recuperar e restituir ao “candomblé” as bases de sua gênese. E a universidade brasileira vem dando sua contribuição, com programas de estudo, núcleos culturais,

cursos de pós-graduação e publicações. Enfim, o “candomblé” vem vindo dos porões dos navios negreiros, das senzalas, dos quilombos e entrando pela porta da frente na sociedade letrada.

Hoje, para esta nova edição de *Cultura Iorubá - Costumes e tradições*, inaugurando a Coleção Em Questão virtual, tantos outros poderiam ser os motivos evocados para justificá-la. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC) abordam a necessidade do ensino da Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. De 2002 para cá, foram criados cursos universitários de Graduação especificamente sobre Cultura Afro-Brasileira. Cresceram, a perder de vista, as Pós-Graduações tanto em Cultura quanto em Religiões Afro-Brasileiras. Cursinhos de extensão vêm pululam Brasil à fora, divulgando aspectos variados da Cultura Afro-Brasileira. São muitos eventos acadêmicos, eventos sociais, eventos culturais, festas, festivais, publicações... é a Cultura Afro-Brasileira sendo lembrada e exaltada em cada cantinho perdido deste imenso Brasil.

Nesse cenário vasto e diversificado que ora se apresenta, ainda resta um espaço reservado para esta nova publicação de *Cultura Iorubá - Costumes e tradições*, que, agora virtual e gratuita, poderá atingir os cantões perdidos por aí e contribuir, de maneira própria, com tantas outras

iniciativas afins, que tematizam e divulgam, de maneira séria e científica, a cultura e a religião afro-brasileiras.

Maria Inez, pesquisadora competente e dedicada, 24 horas por dia vivendo a atmosfera do “candomblé”, dentro e fora de sua “casa de santo”, em seu lar, em seu escritório, diante de seu computador, Maria Inez tem contribuído bastante com todos os que a procuram. São traduções do iorubá para o português ou versões do português para o iorubá; são rezas, cânticos, ervas, sementes; são histórias, lendas, curiosidades; enfim, é um pouquinho de cada coisa, com uma pitada aqui e ali de danças, de comidas, de bebidas, de prazeres. Mas, também, de seriedade, de contatos místicos e respeitosos com os oráculos, de orientação, de amizade.

Desse modo, retornando àquela apresentação que fizera em 2002, cabe concluir apontando que, novamente, vai aqui mais uma contribuição ao estudo de temas que andam sempre Em Questão. Este texto, assinado pela portuguesa Maria Inês Couto de Almeida, Ifatosin, brasileira desde criancinha – pois veio para cá aos 5 anos de idade – e africana na filosofia de vida há mais de 20 anos – pois data de muito longe sua iniciação na casa de Pai Jerônimo - pretende ocupar um pequeno espaço nas tendências que ora se ocupam da afro-descendência, repor as coisas no seu lugar mais apropriado.

Humilde, mas informativo; curto, mas profundo; singelo, mas didático. Assim é *Cultura Iorubá* - Costumes e tradições. Assim também é Maria Inez, a quem agradeço a chance e a graça de ter podido conviver, mesmo que brevemente, na intimidade do saudoso, amigo, afetivo, grandioso e espiritualizado Pai Agenor, que teremos sempre guardado em nossa boa memória.

Maio de 2006

Flavio García

Doutor em Letras pela PUC-RJ
Professor Adjunto da UERJ/UniSUAM
Kekereawo - Babalorixá

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a minha filha Luciana.

AGRADECIMENTOS

(o mesmo da edição impressa de 2002)

Se pudesse, faria um livro inteiro de agradecimentos a todas as pessoas que participaram de minha vida, estimulando este projeto a longo de quase 20 anos.

Agradeço, acima de tudo, a Oyá e Obaluaiyê, que me escolheram para ser sua filha;

Ao Babalorixá Jerônimo de Souza, de Xangô (*in memoriam*), que me confirmou essa escolha;

Ao Prof. Agenor Miranda Rocha, pelo enorme apoio e força que me deu, quando mais precisei, e que continua me dando até hoje;

A meu pai carnal Armando Paulino de Almeida (*in memoriam*), a quem devo tudo que sou e que tenho;

Ao Dr. Richard Yianka Alabi Ajagunna, que despertou em mim o amor pela cultura nigeriana;

Ao Babalorixá Júlio d'Oxossi, pela orientação espiritual;

Ao Babalorixá Flavio d'Oyá – Prof. Flavio García -, pelo apoio neste projeto;

A Márcia Schlesinger e Carlos Lopes (Hekamiah) pela força e insistência.

Maria Inez Couto de Almeida
Ifatosin

Notas do Editor:

Caberia alterar a redação do primeiro de “quase 20 anos” para “mais de 20 anos”;

É importante registrar que, hoje, o agradecimento ao Prof. Agenor Miranda Rocha também passa ser *in memoriam*, uma vez que nosso querido guia espiritual já nos deixou;

Também vale a pena dizer que o Babalorixá Júlio d'Oxossi é o atual zelador de santo e guia espiritual de Maria Inez.

INTRODUÇÃO

Este livro se propõe a mostrar um pouco da cultura e da tradição africanas, especialmente da Nigéria.

A idéia surgiu durante aulas particulares de iorubá, ministradas por Michael Ademola Adesoji.

Muita coisa foi escrita em português sobre religiões afro-brasileiras, porém muito pouco se refere a tradições e costumes que originaram grande parte das tradições do Candomblé, sem ter a religião como tema principal. Cabe citar os excelentes romances de Antônio Olinto, obras consagradas, que além do enredo básico relatam com muita fidelidade os costumes tradicionais da Nigéria.

Não pretendemos fazer um guia de costumes, nem nos passou pela cabeça em momento algum criticar ou corrigir o que se faz no Brasil já há tantos anos, pois temos consciência, inclusive como praticantes da religião, que as tradições trazidas da África pelos escravos sofreram, como não podia deixar de ser, modificações devido à aculturação, transmissão oral, miscigenação de raças, e principalmente à condição de opressão em que viviam os escravos, que além de terem um idioma completamente diferente do dos

colonizadores, não podiam se comunicar livremente entre si e eram tratados como mercadoria. Sem contar que vinham de diversos pontos da África, trazendo costumes e tradições diferentes, já que estamos escrevendo especificamente sobre a Nigéria, região de Ketu, origem do Nagô.

Repetimos que não é nosso pensamento ensinar nada. Queremos apenas prestar uma homenagem aos nossos ancestrais, mostrando aos interessados como se faziam e fazem cultos e rituais, e como surgiram de alguma forma nas religiões afro-brasileiras alguns costumes do dia-a-dia nigeriano.

A idéia original foi compartilhada com o Prof. Michael, que traduziu todos os textos iorubá da pesquisa. Não tenho mais notícias dele, deve ter voltado à sua pátria, mas agradeço muito sua colaboração e o grande apoio que me deu no início.

O que posso dizer do nosso trabalho é que, embora sem a pretensão de ser uma grande obra, foi feito com dedicação e seriedade.

COSTUMES E TRADIÇÕES

Verificamos uma grande semelhança entre os costumes tradicionais dos iorubá - independente de religião, e os rituais nas cerimônias dos candomblés de Ketu, no Brasil. Não pretendemos, nem sequer podemos, discutir fundamentos. Queremos apenas mostrar pontos comuns entre os antigos hábitos dos povos que formavam o grupo iorubá e o comportamento atual dos adeptos da religião trazida para o Brasil. Acreditamos em uma adaptação dos costumes para propiciar a aplicação dos fundamentos.

Cuide de suas maneiras

Cuide de suas maneiras, meu amigo!

A honra pode abandonar nossa casa,
e a beleza, às vezes, acaba.

O rico de hoje pode ser o pobre de amanhã.

A honra é como o mar,
e também a onda da riqueza;
ambas podem escapar de nossa casa.

Mas as boas maneiras acompanham-nos
até ao túmulo.

O dinheiro não é nada,

As boas maneiras é que são
a beleza da humanidade.

Se você tem dinheiro, mas não se comporta bem,
quem irá confiar em você?

Ou, se você é uma mulher muito linda,
mas não se comporta de maneira adequada,
quem desejará tê-la como esposa?

Ou, ainda, se você é muito educado,
mas engana as pessoas,
quem confiará em você para negócios?

Cuide de suas maneiras, meu amigo.

Sem bons modos, a educação não tem valor.

Todos amam uma pessoa que sabe se comportar.

Esta poesia iorubá retrata bem os costumes e a
importância que o povo dá à educação e à honra.

TOJÚ ÌWÀ RE

Tojú iwà re, ore mi!

Olá a ma si lo n'ílé eni,

Ewà a sì ma si l'ára enia,

Olówó òní 'ndi olòṣì b'ó d'òla

Òkun l'òla, òkun nigbì oro,

Gbogbo won l'ó 'ngí lo nílé eni;

Sùgbon ìwà ni 'mbá'ni dé sàree,

Owo kò je nkan fún 'ni,

Ìwà l'ewà l'omò enia.

Bí o l'ówó bí o kò ní 'wà 'nko,

Tani je f'ínú tán o bá s'ohun rere?

Tàbí bí o sì şe obìrin rogbodo,

Bí o bá jìnà sí 'wa tí edá 'nfe,

Taní je fe a s'ílé bí aya?

Tàbí bi o je oníjìbitì enia,

Bí a tilé mọ̀ iwé àmọ̀dájú,

Taní je gbé 'se aje fún o se?

Tojú iwà re, 'ore mi,

Ìwà kò sí, eko d'ègbé,

Gbogbo aiye ni 'nfe 'ni t'ó je rere.

A importância dada ao bom caráter (*iwà pe/e*)

Ìwà é o que caracteriza uma pessoa sob o ponto de vista ético. Para ser feliz uma pessoa deve ter *iwà pe/e*, pois quem tem bom caráter não entra em choque com os seres humanos nem com os poderes sobrenaturais. Esse é o mais importante dos valores morais iorubá, e a essência da fé consiste em cultivá-lo.

A lenda de *Ìwà* é relatada na literatura de Ifá.

Ìwà era uma mulher de rara beleza com quem Orúnmilà se casou, após ela ter se separado de diversos outros deuses.

Apesar de sua beleza, *Ìwà* tinha maus costumes e falava demais, sendo ainda preguiçosa e irresponsável.

Depois de algum tempo de casados, Orunmila, não podendo suportar o mau comportamento de sua esposa, mandou-a embora.

Entretanto, quando *Ìwà* partiu, Orúnmilà percebeu que não podia viver sem ela. Perdeu o respeito dos vizinhos, sua prática divinatória perdeu o valor, seus clientes se afastaram, ficou sem dinheiro, enfim perdeu tudo e foi desprezado por todos.

Tentando achar uma solução, vestiu-se de *Egúngún* e saiu por aí, à procura de *Ìwà*. Foi à casa dos 16 odu de Ifá à procura da esposa, cantando na porta de cada um:

“Grande Sacerdote de Ifá de *Ajeró*,

Adivinho de *Ajeró*,

Onde você vir *Ìwà*, diga-me.

É *Ìwà*, *Ìwà* que estou procurando.

Se você tem dinheiro, mas não tem *Ìwà*,

O dinheiro não é seu;

Ìwà é a pessoa que eu procuro.

Se alguém tem filhos, mas não tem *Ìwà*,

As crianças pertencem a outra pessoa;

Ìwà, Ìwà é quem nós procuramos...

Se temos uma casa, mas não temos *Ìwà*,

A casa não é nossa, é de outra pessoa.

Ìwà, Ìwà é o que procuramos.

Se você tem roupas, mas tem falta de *Ìwà*,

As roupas pertencem a outra pessoa.

Ìwà, Ìwà é o que procuramos.

Todas as boas coisas da vida que um homem possui,

Se ele perder *Ìwà*, elas passam a pertencer a outra pessoa.

Ìwà, é o que estamos à procura!"

(Ogbon inú, awo Alárá;

Dífá fún Alárá, Èjì Osá,

Omo Amúrin kàn dogbon agogo.

Ìmòràn, awo Ajerò, Dífá fun Ajerò,

Omo ògbójú koroo jà jálẹ.

Níbo ló gbé ríwà fún un o,

Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.

Ó nó bó o lówó, tòò níwà,

Owo olówó ni.

Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.

Omo la bí,

Tá à níwà, Omo olomo ni.

Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.

Bá a nílé, tá à níwà,

Ilé omílé ni.

Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.

Bá a lásó,tá à níwà

Aso, alásó ni.

Ìwà, Ìwà là n'wá o, Ìwà.

Ire gbogbo tá a ni,

Tá à níwà.)

Depois de grande procura *Orunmila* achou *Ìwà* casada com *Olójo*. Quando cantou na porta de *Olójo*, este foi à porta recebê-lo e recusou-se a devolvê-la. Então eles começaram a brigar. *Orúnmilá* bateu em *Olójo* com a perna de uma cabra que havia sacrificado antes de sair de casa. O impacto atirou *Olójo* a muitas milhas de distância, e *Ìwà* foi levada de volta para sua casa.

Ao analisar a lenda vemos as várias razões da importância dada a *Ìwà*.

Primeiro é importante que o bom caráter seja simbolizado por uma mulher. No folclore iorubá as mulheres representam os dois extremos - amor, cuidado, devoção e beleza, versus fraqueza, deslealdade e falsidade. Só as mulheres podem simbolizar essa dualidade, de acordo com o conceito iorubá.

A lenda mostra ainda que o homem deve cuidar de seu caráter tão bem como cuida de sua esposa. Da mesma forma que manter a esposa é obrigação do marido, o bom caráter deve ser uma obrigação para os que têm fé e querem viver de forma correta.

As mulheres são consideradas bruxas e podem até ser mentirosas, mas os iorubá crêem que a sociedade não pode sobreviver sem elas. Da mesma forma, pode ser difícil ter bom caráter, mas não se pode ser feliz sem ele.

Ìwà foi uma mulher que perdeu os bons hábitos. Significa que o homem que quer ter bom caráter deve estar preparado para encarar *egbin* - coisa suja - e passar por algumas situações desagradáveis, que podem ofender sua dignidade e decência. Mesmo assim não deve se desviar do bom caminho, para não perder a essência e o valor de sua vida.

Os versos equiparam *Ìwà* aos bens materiais que os homens almejam: dinheiro, filhos, casa e roupas. Um homem que tem bens materiais, mas não tem caráter, provavelmente irá perder tudo para uma pessoa de caráter, que saberá melhor tomar conta desses bens. *Ìwà* é o atributo de maior valor entre todos, no sistema iorubá.

Vemos que o costume dos zeladores de santo, de transmitir ensinamentos através de lendas (*itans*) em que os Orixás se comportam como pessoas comuns, com seus

defeitos e fraquezas, é também uma herança da cultura tradicional iorubá.

O R E I

Como era escolhido

Somente três meses após a morte de um rei lorubá é que o Conselho encarregado de escolher o novo rei começava a busca, entre os descendentes das famílias reais.

As pessoas que tinham condições de ocupar o trono eram apontadas pelas famílias, e começavam as pesquisas para a escolha do novo rei.

Primeiro era consultado um *Babalawo*, para saber qual a indicação de Ifá (oráculo). No jogo de búzios Ifá apontava o nome escolhido, e em seguida o Conselho dava a decisão final, de acordo com as investigações sobre sua vida. Quando finalmente o nome era aceito, ninguém mais podia ir contra a escolha.

Em seguida, a Prefeitura local era informada, para aprovação oficial. Só após todas essas providências era marcado o dia em que o escolhido saberia que tinha sido eleito rei, e seria apresentado ao povo.

Atualmente, nas localidades em que ainda se realiza essa cerimônia, a Prefeitura providencia segurança policial, para evitar tumultos, mas antigamente o próprio povo se encarregava disso.

Todo o povo da localidade comparecia à reunião para apresentação do rei, incluindo todos os candidatos a rei, sem saber quem fora o escolhido. O chefe do Conselho fazia um discurso explicando o motivo da reunião, e, em seguida, um guerreiro ou homem influente no local levantava-se e tirava o chapéu do eleito.

Só nesse momento todos ficavam sabendo quem fora escolhido por Ifá, inclusive o próprio, que ficava muito surpreso, emocionado e feliz.

Em seguida batiam nele com uma folha especial, *òkiká*, entregavam-lhe um *abebe* (espécie de leque), e apresentavam-no ao povo, perguntando se gostaram da escolha. Todos respondiam:

Kábíyèsí, k'ádé pe l'orí ki bàtá pe l'ese

(Saudamos o Rei, que a coroa fique por longo tempo em sua cabeça e os sapatos em seus pés).

Ao final da aclamação o novo rei era levado para casa de um membro do Conselho, pessoa influente na localidade, o *odofin*. Lá ele ficava recolhido por um período de três meses. Passado esse prazo, era banhado, vestido com trajes típicos, sapatos brilhantes, enfeitado com adornos que o deixavam

muito bonito, e o povo ia ao seu encontro, em meio a uma grande festa, levando-o para o palácio, onde passaria a morar.

Fazia-se um ritual antes de entrar no palácio: eram apresentadas ao rei três cabaças cobertas, a primeira contendo sal, a segunda, cinzas, e a terceira, óleo de dendê e terra. Alinhavam-se as mulheres de um lado e os homens do Conselho do outro, e o rei escolhia uma cabaça, cujo conteúdo indicava como iria ser o reinado. Se escolhesse o sal, o período seria tranqüilo; as cinzas indicavam que as coisas não iam correr bem, pois eram sinal de mau agouro; já o dendê e terra significavam que haveria fartura na cidade. Antes da cerimônia o rei oferecia um sacrifício aos Orixás, para fazer uma boa escolha, que satisfizesse o povo.

Depois da escolha, se tivesse sido tirada uma cabaça com um bom presságio, todos festejavam e o rei era levado ao trono, e aclamado pelo povo:

Kàbíyèsí

Oba aláse ekeji Òrìṣà!

Ki ádé pe l'órí, ki bàtá pe l'ese!

Ki ígbà tíre dára fun gbogbo wa o!

(Salve o rei,

O rei de direito, segundo os Orixás!

Que a coroa dure em sua cabeça e os sapatos nos seus pés!

Que no seu tempo tudo corra bem para nós!)

O novo rei percorria o palácio, visitando o túmulo dos reis mortos. Depois voltava para o trono, onde recebia a coroa e os paramentos, que variavam de acordo com a localidade. Só então o rei podia pela primeira vez se dirigir ao povo para agradecer, recebendo muitos presentes de todos (sal, obi, dinheiro etc.), e sendo saudado por suas esposas:

Kábiyèsi.

Oba odúndún aso-òde-dero

Oba a de ki ile pètù,...

(Salve o Rei!

Rei recoberto de gentilezas,

O Rei chegou trazendo saúde...)

Após esse dia, o rei submetia-se a diversos rituais espirituais de grande importância, para passar a mandar em todo o povo da cidade, inclusive os mais velhos.

Dessa antiga tradição originaram-se no Brasil os rituais e cerimônias relacionados com a escolha do Pai de Santo, nas casas de Ketu.

A posse das terras

Em princípio, todas as terras de uma localidade pertenciam ao rei. Isso é inclusive citado numa cantiga tradicional: “Ó Rei, que tens a terra, deixa-me ter a terra para andar...”

Antigamente qualquer pessoa que quisesse um terreno teria que pedir ao rei. Atualmente deve dirigir-se à Prefeitura da localidade onde se situa o terreno.

O interessado em possuir um terreno fazia uma doação de obi, vinho de palma, etc., e a prefeitura ficava com uma parte, dividindo o restante com as pessoas importantes da rua onde se situava o terreno pretendido. A doação da terra era feita em cerimônia pública, para construção de uma casa ou uma plantação. O terreno não podia mais ser retomado, a menos que a pessoa cometesse uma falta grave contra os doadores.

O novo dono era obrigado a plantar em suas terras, e devia doar ao governo, todos os anos, uma parte da produção, que era estipulada de acordo com o tamanho do terreno e o tipo de plantação.

De acordo com a tradição, nas cidades iorubá deveria existir uma área de mata, preservada, onde as pessoas iam fazer obrigações para seus Orixás. Este local, de propriedade da Prefeitura, não pode ser invadido, nem pelos caçadores, que só vão lá na época de suas festas religiosas.

Atualmente, entretanto, os costumes mudaram bastante. Algumas cidades como Lagos, Ibadán, Abẹokutá e Ilesá não conservam mais o costume de preservar matas sagradas, pois nelas existem minerais valiosos que precisam

ser extraídos do solo para o desenvolvimento econômico do país.

No Brasil, nas casas tradicionais de Ketu, existe um local sagrado na mata, onde são cultivadas ervas do culto e onde se faz oferendas e obrigações. Esses locais são preservados, e é proibida a entrada por qualquer outro motivo que não seja de fundo religioso. Devido à falta de espaço, principalmente nas grandes cidades, algumas Casas vão fazer suas obrigações em matas públicas.

HIGIENE E BELEZA

hábito de abrir cicatrizes no rosto

Antiga prática muito difundida entre os iorubá, hoje em dia já não é tão comum, pois com o desenvolvimento cultural e tecnológico perdeu a finalidade, e tende a desaparecer por completo.

A origem desse costume foi na Nigéria Ocidental (povo iorubá), devido à grande quantidade de guerras que havia na região. Os fulani estavam sempre em guerra com os iorubá, e as próprias cidades guerreavam entre si. No meio de uma batalha uma pessoa poderia matar alguém do seu próprio grupo. Já com as marcas no rosto a identificação tornou-se bem mais fácil, e só eram mortos ou aprisionados como escravos aqueles com marcas diferentes, ou os que não tinham marca alguma.

Outro motivo para as marcas era que os escravos, quando não tinham marcas, levavam no rosto a marca de seu dono.

Os grupos familiares também costumavam marcar o rosto para facilitar a identificação de pessoas da mesma família, ao se encontrarem fora da cidade.

Finalmente, algumas pessoas se achavam mais bonitas com cicatrizes no rosto, para “estar na moda”.

Atualmente os ijebú e os ijesá não cortam mais marcas no rosto dos recém-nascidos. Em Ondo são feitas marcas somente no rosto do primogênito, enquanto em Oyo existem famílias que fazem as cicatrizes até hoje.

Alguns exemplos das marcas usadas nas diversas cidades do grupo iorubá:

1. Àbàjà mēta - três marcas horizontais grandes de cada lado do rosto, ou seis menores.

2. Àbàjà mērin - quatro marcas horizontais grandes de cada lado do rosto, ou oito menores.

3. Àbàjà alagbele - um dos modelos anteriores com mais três marcas verticais em cima.

4. Pélé - este tipo de marca é feito para embelezar. São três marcas verticais de cada lado do rosto. Característica da cidade de Ifé.

5. Gombô - são três marcas verticais laterais bem grandes de cada lado, da cabeça até ao queixo. São características da cidade de Oyo.

6. Marca da cidade de Ondo - Uma cicatriz vertical, comprida, de cada lado, na frente do rosto.

7. Marca de Ijebú - Três marcas verticais curtas de cada lado do rosto.

8. Àbàjà de Egbá - três marcas verticais em cima de três horizontais.

9. Àbàjà de Ijesà - quatro marcas horizontais de cada lado.

10. Pélé de Èkiti - uma marca vertical de cada lado do rosto (encontra-se também três de cada lado).

11. Àbàjà de Èkiti - nove pequenas marcas horizontais (três a três) com três verticais acima.

12. Ture - diversas marcas verticais finas de cada lado.

Ao encontrar uma pessoa com uma destas cicatrizes, você poderá facilmente identificá-la como nigeriana.

Tudo indica que as “curas” feitas nos filhos de santo foram originadas nesse costume, pois servem também como identificação das pessoas de candomblé.

Beleza do corpo

Antigamente as mulheres iorubá gostavam de embelezar o corpo com tintas e cortes.

Para fazer desenhos no rosto e partes visíveis do corpo era usada a seiva de uma árvore chamada *bùje*. O nome dessa pintura é *ínábùje*, e demora muito a sair da pele.

Outros produtos vegetais bastante usados eram o *òsùn* (tinta vermelha extraída de uma planta) e o *lààli* (planta que também dá coloração vermelha, tipo henna). O *òsùn* era usado nas festas de casamento, nascimento e posse do rei. Nessas ocasiões encontravam-se mulheres pintadas com *òsùn* dos pés à cabeça, pois achavam que isso as tornava mais bonitas.

Ao dar à luz as mulheres costumavam embelezar seu corpo e o da criança com *òsùn*. Uma esposa nova na casa também costumava pintar os pés com *òsùn* à noite, ao deitar, para ficar bonita.

O uso de *lààli* é um costume haussá, trazido para a região dos iorubá pelos muçulmanos. A folha era misturada com *kanun*. As mulheres pintavam os pés e as unhas das mãos e pés, deixando descansar por algumas horas. Depois lavavam o local, e ele ficava cor-de-rosa.

Uma das coisas de que os iorubá mais gostavam eram as marcas. Muitas mulheres faziam cortes no rosto, testa, barriga, costas e até nas nádegas. No rosto usavam uma agulha, e no corpo uma lâmina, colocando no corte um líquido chamado *oye dúdú*, que fazia com que as cicatrizes ficassem pretas.

Atualmente esse costume está praticamente extinto. Os católicos e os muçulmanos, por exemplo, não o adotam.

Outra forma muito comum de embelezar o corpo era furar as orelhas, nariz ou lábios. Logo ao nascer um bebê do sexo feminino, a mãe furava as orelhas para colocar brincos que, em certas regiões como sul de Benue, terra dos tapa e haussá, eram pedaços de coral, sendo preciso furos bem grandes. Nos lábios e nariz eram usados anéis ou um pedaço grosso de coral.

Destes hábitos, o único que ainda permanece é o de furar as orelhas.

Aqui, mais uma vez, vemos que é uma herança iorubá o costume de pintar os iyawo com produtos naturais (waji, òsùn, etc.) para a festa da saída do seu Orixá.

Cuidados com os cabelos

Outro costume dos iorubá era a raspagem da cabeça para os homens, e os penteados bem elaborados para as mulheres.

Há muito tempo, se o homem não raspasse a cabeça era sinal até de falta de higiene. Atualmente o costume ficou restrito só aos mais velhos. Só entre os haussá o costume ainda é mantido por jovens.

Somente alguns homens deixavam o cabelo crescer, e usavam penteados especiais, que os identificavam como sendo devotos dos orixás: os filhos de Sango, os caçadores de Ode e os olorișá.

Na terra iorubá, ao se encontrar um homem com um penteado especial, deve-se lembrar que pertence à religião dos orixás.

- **Cabelos de homem**

Antes da colonização inglesa, os iorubá iam raspando a cabeça à medida a que os cabelos cresciam, e espalhavam óleo na careca para ficar brilhando. Os jovens mensageiros do rei, para serem identificados, costumavam raspar um dos lados da cabeça, deixando os cabelos crescidos no outro lado. Era o chamado *ilari*.

Atualmente os homens usam o penteado que mais lhes agrada. Muitos preferem o estilo "black". Alguns usam penteados especiais, como já foi dito, por motivos religiosos.

- **Cabelos de mulher**

As mulheres costumavam fazer diversos tipos de penteado. Cada estilo tinha um nome, como *sukú*, *alagogo*, *korobá*, etc.

Há três tipos básicos mais usados:

Irun biba - o mais simples, deixa os cabelos soltos. Quando a mulher está com pressa, faz o *biba*, porque é rápido e pode ser feito sem ajuda. Pode ser usado para sair.

Irun kíkó - cabelos presos, o penteado é executado com linha preta, para a mulher que não tem muitos cabelos. É feito com a ajuda de outra pessoa.

Irun dídi - penteado preso, mais elaborado. Algumas formas de fazê-lo:

Um dos estilos chama-se *sùkú*. Os cabelos são penteados para cima e presos no alto, juntos.

Outra forma de *dídi* é o *pàtewo* (bater palmas). O cabelo é dividido de orelha a orelha e penteado de baixo para cima dos dois lados, até se encontrarem. Quando pronto parece estar batendo palmas. É feito por profissionais.

Outro tipo é o *pánúmọ* (boca fechada). Abre-se o cabelo em volta da cabeça toda e penteia-se de baixo para cima e de cima para baixo, encontrando-se no meio.

Ipàko eledé é o cabelo solto, todo penteado para a frente.

Antigamente esses penteados eram muito usados, e até ensinados nas escolas. Depois as jovens passaram a alisar os cabelos, pela influência dos colonizadores de raça branca.

O hábito de raspar a cabeça do iyawo parece não ter nenhuma relação com este costume, pois é adotado para ambos os sexos, e simboliza o nascimento para uma nova vida, semelhante a um recém-nascido.

Vestuário

Antes da colonização os iorubá só usavam roupas típicas, hábito que permanece até hoje, porém com modificações de influência ocidental.

- **Trajes sociais masculinos (egbejodá)**

Para sair, os homens idosos e ricos usam uma túnica grande, chegando até aos joelhos, chamada *dàndógó*. É comum seu uso entre chefes de cidades.

Outra túnica típica é o *agbádá*, largo, bem simples, feito em qualquer tipo de tecido. Costuma ser usado por adultos, mas jovens também podem usar.

Já o *gbàriyè* é uma túnica sem mangas, com dois bolsos e bordados artísticos na frente.

Há também o *bùbá*, comprido, de tecido leve, e com mangas curtas ou compridas. É aberto do lado na altura do peito, e fecha com três botões. Serve também para usar como roupa de baixo.

Dànsíkí é outro tipo de roupa que pode ser usada por baixo.

Todas essas roupas são usadas sobre diversos tipos de calça (*sòkòtò*):

Sányinmòtan - tipo de calça apertada nas pernas, que chegava pouco abaixo do joelho. Era usada em situações de trabalho em que a perna da calça pudesse atrapalhar. Hoje em dia não se usa mais.

Soro - é uma calça comprida, até à altura do sapato. A boca não é muito larga. Costuma ser usada com o *bùbá*.

Kembe - é uma calça tradicional, muito larga desde a cintura até à altura do joelho, depois afinando para baixo até aos pés.

Nenhum iorubá sai com suas roupas tradicionais, sem um chapéu (*filà*), que pode ser do tipo *òribi*, *bentigo*, *àkete* ou *eleti* aja, que tem pontas laterais, como orelhas de cachorro.

• Trajes femininos

Para sair as mulheres iorubá usam:

Aso iró - é uma roupa enrolada em torno da cintura até aos pés, como uma canga. Costuma ser usada em cima do *bùbá* feminino, feito do mesmo tecido. Atualmente esses modelos são feitos em tecidos europeus.

Bùbá feminino - Semelhante ao masculino, mas com mangas mais curtas.

Simí é uma roupa para ser usada sob o *bùbá*. Principalmente quando o *bùbá* é de renda ou lese, devido à transparência.

Sobre o ombro esquerdo usa-se o *iborùn* (tipo pano da costa das baianas), que pode ser de tecido inglês ou de aso oke.

Quando as mulheres se vestem com esses trajes típicos, é indispensável usar um turbante (*gélé*) muito bem trabalhado.

Para completar colocam braceletes, anéis e cordões, pintam o rosto com *atike* e colocam *tiro* nas pálpebras.

No vestuário ritual das cerimônias de Ketu, predomina a influência européia, com muitas saias rodadas, lamês, brocados, sendo deixada de lado a autenticidade dos trajes regionais, bem mais simples, porém muito mais bonitos.

COMPORTAMENTO GRUPAL

A criança africana

Normalmente imaginamos as crianças africanas criadas em liberdade, brincando na selva com elefantes e outros animais que só conhecemos do zôo. A realidade, entretanto, é bem diferente. Embora os costumes estejam se transformando rapidamente pela influência européia, a educação dos filhos até hoje segue princípios rígidos.

Assim que uma criança - de ambos os sexos - se mostra capaz de carregar um pacote sem deixá-lo cair, ou de desempenhar pequenas tarefas domésticas, é treinada para fazer serviços de maior responsabilidade, auxiliando os adultos.

A pobreza, aliada aos costumes tradicionais, obriga a criança a ter uma infância pouco "normal" para a nossa cultura. Ela fornece sua parcela de mão-de-obra para o sustento da comunidade, nem que tenha, digamos, quatro anos de idade.

Cada criança é importante para o grupo como contribuição de trabalho, e em algumas tribos, antes da colonização, as crianças que nasciam deficientes eram abandonadas, morrendo de fome e frio. Em alguns locais, até o nascimento de gêmeos alterava a estrutura familiar, e um deles era sacrificado.

Com poucos dias de nascida a criança é amarrada às costas da mãe. Este processo faz com que ela se sinta segura, fique perto do alimento, e ao mesmo tempo seja embalada, enquanto a mãe trabalha. É raro haver um bebê chorão, pois a crença diz que quando o bebê chora é porque a mãe é infiel, e por isso as mães fazem tudo para evitar que seus filhos chorem.

Ao crescer um pouco, a criança passa a ser carregada nas ancas de uma irmã mais velha, ou outra menina da tribo, até aprender a engatinhar, fase que acontece mais cedo nas crianças de raça negra.

Com a colonização pelos países europeus, entretanto, a estrutura primitiva das tribos mudou bastante, e essa influência é marcante no comportamento das crianças. Elas sabem que, se estudarem, vão ter uma vida melhor. Procuram aprender o idioma do país colonizador, e têm como meta fazer um curso superior, de preferência no exterior, voltando, entretanto, depois de formadas, para desempenhar as

funções junto ao seu povo, visando o desenvolvimento do seu país.

Chegam mesmo a procurar trabalhos remunerados para poder comprar livros, e na hora das provas foi constatado seu grande nível de tensão e preocupação, muito maior do que o das crianças americanas da mesma idade.

O sucesso de uma criança na escola é considerado um sucesso de todo seu grupo, e há uma expectativa de que, depois de formada, recompense o grupo ajudando a educar as outras crianças.

As brincadeiras limitam-se geralmente às ocasiões de festa, entre a plantação e a colheita. As crianças ensaiam jogos, músicas e danças para apresentar na festa. Os ensaios são feitos em grupo, à noite, sob o luar.

Também nas grandes cidades, embora não haja esse envolvimento grupal, as crianças têm uma orientação rígida com relação a família, trabalho e estudo.

Nos candomblés de Ketu o trabalho é distribuído entre os filhos, em prol do grupo, as tarefas variam de acordo com tempo de feitura e sexo do Orixá, e os mais velhos têm sempre a obrigação de cuidar dos mais novos.

Educação doméstica

Os iorubá valorizam muito a educação e o respeito dentro de casa, transmitidos de pais para filhos.

- **A importância do cumprimento**

Pela manhã, ao acordar, o filho tem a obrigação de cumprimentar os pais. Se for do sexo masculino terá que se baixar no chão, e do feminino deverá se ajoelhar, e permanecer na posição até os pais lhe responderem o cumprimento. Há ainda um cumprimento específico para a tarde outro para a noite.

Existem pessoas que têm direito a um cumprimento especial, como fazendeiros, Babalawo, caçadores, ferreiros, e muitos outros. Todas as pessoas que estão trabalhando também são cumprimentadas por quem passa.

Os reis têm direito a um cumprimento especial, já citado anteriormente, que demonstra o grande respeito que o povo lhes dedica. O cumprimento é antigo, mas continua a ser usado até hoje, porque os reis são e serão sempre respeitados.

- **Respeito aos mais velhos**

Os iorubá geralmente respeitam e exigem respeito uns dos outros. Existe uma regra muito importante: o irmão mais novo não pode chamar o mais velho pelo nome. Deve dizer

“meu irmão” ou “minha irmã”. Os pais também não podem ser chamados pelo nome.

Na nossa cultura, é normal os pais saírem de manhã para comprar pão e cuidarem de todos os afazeres domésticos, enquanto os filhos dormem.

É comum, também, os filhos se negarem a fazer o que os pais mandam, e alguns até xingam os pais. Na Nigéria isso não acontece, porque a criação é muito mais rígida, e dá-se muita importância à educação dentro de casa. Os filhos desempenham pequenas tarefas, não se negam a fazer o que os pais mandam, e impera a obediência e o respeito.

No Brasil, nas casas de Ketu bem organizadas, que seguem os preceitos, os filhos, ao levantarem ou chegarem da rua, não podem falar com ninguém antes de saudar os Orixás e o pai ou mãe de santo; devem cumprimentar o pai de santo abaixados, e aguardar ordem para se levantar. Cada membro da casa deve ser saudado de acordo com seu cargo na hierarquia, e reinam o respeito e a obediência aos mais velhos.

Escravidão - *Erú X Ìwofà*

As palavras *ìwofà* e *erú*, embora pareçam ter o mesmo sentido - escravidão - têm significados muito diferentes. Ser *ìwofà* era muito melhor do que ser *erú*.

- **Erú**

A diferença de tratamento deve-se à maneira como o dono conseguia aquela pessoa para trabalhar para ele. O *erú* era o escravo capturado durante a guerra que, adulto ou criança, era obrigado a trabalhar sem parar, sendo maltratado o tempo todo. Se morresse, ninguém se importava.

- **Ìwofà**

O *ìwofà* era muito diferente. Tratava-se de uma pessoa alugada por seu pai a alguém rico, em troca de dinheiro. O filho ficava morando com o novo patrão, e trabalhando para ele até o pai poder resgatar a dívida. Antigamente esse sistema era muito usado, e as pessoas que não possuíam filhos ficavam trabalhando, elas próprias, até pagar a dívida.

O *ìwofà* podia voltar para casa depois de seu pai pagar a dívida. Enquanto estivesse na casa do patrão, o que poderia durar anos, era bem tratado, comia à mesa com a família, ganhava tudo que o filho do dono da casa ganhasse, não trabalhava debaixo de chuva ou com sol demais, tinha um dia de descanso semanal aos domingos, e não podia morrer de forma alguma na casa onde estivesse servindo. Já o *erú* não podia parar de trabalhar, chovesse ou fizesse sol e, se morresse, ninguém se importava.

Se o pai do *iwofà* morresse, ou nunca pudesse terminar de pagar, ele ficava trabalhando e morando com o patrão, como filho, podendo se tornar independente se este resolvesse perdoar a dívida.

A filha mulher também podia ser *iwofà*, só que ela só trabalhava para mulheres, nunca para homens.

Este costume é muito antigo e, ao que se sabe, foi totalmente erradicado.

Em algumas roças de candomblé os iyawos que não têm recursos para pagar as despesas com a feitura, ficam durante um bom tempo trabalhando na casa do pai ou mãe de santo, prestando serviços domésticos, e ajudando no culto. Outros, que não dispõem de tempo integral, pedem dinheiro na rua, vestidos com os trajes rituais, para pagar sua dívida.

Adolescência

Em algumas tribos, ao chegar à puberdade, meninas e meninos passavam por rituais de iniciação, compostos de cerimônias, provas e danças, que marcavam sua entrada na vida adulta. Moças e rapazes submetiam-se orgulhosamente aos rituais, por mais penosos que fossem, para serem considerados adultos pelos demais membros do grupo.

A circuncisão fazia parte da iniciação dos rapazes em quase todas as localidades. Eles passavam ainda por muitas

outras provas de coragem, como passar a noite numa cabana escura, preparada pelos adultos, ouvindo sons assustadores e vendo “assombrações”.

Na região oriental da Nigéria era comum trancar as meninas numa cabana de engorda onde eram alimentadas em excesso durante semanas ou meses, até ao dia da festa, quando apareciam na plenitude de suas formas arredondadas, usando colares vistosos, pintadas com corantes.

Os rapazes, após as cerimônias de iniciação, podiam tornar-se guerreiros ou caçadores. Às moças estava destinada a missão de ser dona de casa e mãe de família.

Costumes familiares

A maioria dos padrões tradicionais de comportamento em família já desapareceu, devido, principalmente, às facilidades da tecnologia moderna.

Em algumas tribos era costume o casal separar-se após o parto, indo a mulher para casa da mãe por um período. Modernamente, por exemplo, a mãe pode estar morando longe, e sem a tradicional separação rompe-se o esquema primitivo de planejamento familiar, e os filhos nascem um atrás do outro.

Nas antigas tribos era adotada a poligamia, desde que o homem pudesse sustentar as mulheres que possuía. Modernamente este sistema gera confusão, e cria mais um problema para o chefe da família.

No campo, a mãe cuidava da lavoura e dos filhos. Hoje a mulher tem que competir com o homem no mercado de trabalho, pois na maioria das vezes ele não tem condições de arcar sozinho com as despesas de toda a família.

Trabalho comunitário

Há uma série de tarefas que não se pode fazer sozinho, e os iorubá se ajudavam mutuamente usando dois processos diferentes: *aaro* e *owe*.

Naquela época, mesmo que a pessoa tivesse posses, era necessário a cooperação dos vizinhos, porque as aldeias eram pequenas - cerca de duzentos habitantes, ficavam muito distantes umas das outras, e não havia os modernos meios de transporte.

Aaro - Adultos e jovens costumavam reunir-se para ajudar uns aos outros na tarefa mais comum, que era o trabalho no campo. O aaro consistia em um grupo de fazendeiros se reunir para fazer o trabalho de um deles, depois o do outro, e assim por diante, até terminar o trabalho de todos. Cada fazendeiro conseguia ter mais trabalho feito

em um dia, do que se trabalhasse sozinho por uma semana, e sem nenhuma despesa.

Owe - Quando uma pessoa precisava de ajuda para realizar uma tarefa, reunia um grupo de amigos para ajudar e providenciava bastante comida e bebida para todos. Podia ser feito o owe para cortar lenha, construir ou reformar uma casa, etc. O patrocinador gastava sempre muito dinheiro.

Esse costume ainda existe no Brasil, quando são formados mutirões de amigos e vizinhos para construção de casas e outras tarefas, especialmente no interior.

Abikú

Era chamada de *abikú* uma criança que se acreditava nascer e morrer várias vezes. Por exemplo, quando uma mulher dava à luz um filho e este morria, e ela continuava a ter filhos que morriam cedo ou que nasciam mortas, os iorubá acreditavam tratar-se da mesma criança que morria e voltava. Daí o nome de *abikú*: *bi* - nascer, e *ku* - morrer.

Diz a tradição que os *abikú* eram crianças que gostavam de escuridão, de andar sozinhas pelas encruzilhadas ou pela beira dos rios ao por do sol. Por isso as mulheres grávidas não deviam sair à noite, nem passar em encruzilhadas, porque se encontrassem uma dessas crianças, ela poderia substituir a criança que estava dentro da barriga,

só para fazer a mãe sofrer. Dizia-se que eram crianças que prometiam voltar para o céu num determinado prazo, e então morriam. Não tinham pena nem medo de ninguém, e só faziam maldades. Eles sabiam quando alguém usava um amuleto para evitá-los.

No dia em que decidiam vir à terra, nada os segurava, nem mesmo os feitiços para evitá-los. Só os *babalawo* antigos e experientes ainda conseguiam controlá-los.

Para conquistar o *abikú* podiam ser tomadas três medidas.

A primeira era levá-lo a um *babalawo* poderoso.

A segunda, dar-lhe um nome de perdoar, ou de “prendê-lo a nós”. Com esse tipo de nome ele poderia ficar sensibilizado e resolver ficar. Esses nomes eram, por exemplo:

Durojeye (fica e desfruta do mundo),

Durosinmi (fica e descansa comigo),

Malom̃ (não vá mais embora), ou

Jokotimi (senta e fica comigo).

Quando mesmo assim a criança morria novamente, ao voltar, davam-lhe um nome que o deixasse com vergonha para ver se assim ele ficava. Um desses nomes é *Aja* (cachorro).

A terceira coisa que se fazia era para o *abiku* desaparecer e nunca mais voltar. Cortavam todos os dedos antes de enterrá-lo, ou queimavam-no e jogavam no rio. Dizem que os que voltavam mesmo assim, nasciam sem os dedos, ou com as marcas das queimaduras. Alguns, depois de tantas tentativas, nasciam abobalhados e não morriam mais, para fazer os pais sofrerem. A maioria dos retardados era considerada *abikú*.

Naturalmente hoje em dia apenas um pequeno número de pessoas acredita em *abikú*, e sabe-se que a morte contínua dos filhos se dá devido a problemas que já possuem solução na medicina moderna.

A escolha do nome dos filhos

Desde muito tempo os iorubá reuniam a família e os amigos e comemoravam o Dia-de-dar-o-nome aos filhos (*ìkomojádé*), costume esse que dura até hoje.

O nome é escolhido de acordo com a família a que a criança pertence, a posição em que nasceu, se chorou muito, etc.

Se uma criança vem ao mundo num dia de festa, ou no Natal e Ano Novo, pode chamar-se *Bòdunde*, ou *Abiòdun* (*bi/b'* - nascer, *òdun* - festa).

As que nascem na estrada, na rua, podem chamar-se *Abiona* (*ona* - estrada), e as que nascem num dia de chuva, *Bejide* (*ejì / ojo* - chuva). Já se choveu muito na madrugada do nascimento, pode-se dar um nome derivado de *ojo*.

Pessoas que nascem em família real, têm os nomes de *Adesoji*, *Ademola*, *Adeniyi*, *Adekanmi*, *Adeniji*, e outros formados com a palavra *ade* (coroa).

As pessoas nascidas num dia de alegria para a família são chamadas *Adebayo*, *Ayodeji*, *Bolaji*, e outros nomes compostos de *ayo* (alegria) e *ola* (dignidade, riqueza).

Se morre ao nascer, a criança pode receber os nomes de *Popo*, *Kosoko*, *Kokumo* (não morra mais), e outros, conforme visto em *Abiku*.

Se uma criança nasce após a morte de seu pai é chamada de *Babatunde*, ou *Babajide*. Se nascer após a morte da avó, é chamada de *Iyabo*.

A criança que nasce quando a mãe não tem menstruação chama-se *Ìlòrì*. Se nasce depois de passados os nove meses, chama-se *Omope*.

Crianças que necessitam cuidados especiais para se criarem chamam-se *Aduke*, *Abike*, *Apeke*, *Alake*, *Amoke* etc.

Se nascem gêmeos, devem chamar-se infalivelmente *Taiwo*, o que nasce primeiro, e *Kehinde* o segundo a nascer.

Se forem trigêmeos, o terceiro deve chamar-se Eta-Òkò. O próximo filho do casal, tem que se chamar *Idowu*.

A lenda diz que *Taiwo* ou *Tayewo* (*to-aiyé-wò*) é o mais novo, e sai na frente para “provar o mundo”, a mando de *Kehinde*, considerado o mais velho (*ehin* - atrás, de - chegar). Se *Taiwo* chorar, é sinal de que o mundo é bom, doce como mel, e então *Kehinde* sai.

Outros nomes são dados de acordo com a tradição familiar, ou quando se pede a gravidez a um orixá:

Família de caçadores: Odewùmi, Odewole, Odeyemi, Odesanmi, etc.

Família de guerreiros: Akinbòde, Akintola, Akinyemi, Akinwumi, e outros.

Família que segue a religião dos orixás: Osagbemi, Aborisade, Abegundé, Omitàdé, e outros.

Homenagem a Sango: Sangotade, Sangobiyi, Sangogbemi, Sangowende, etc.

Homenagem a Ogun: Ogunsolà, Ogundé, Ogunmola, Ogundèlé, etc.

Homenagem a Esu: Esubiyi (nascido pela vontade de Esu), Esutosin (para agradecer a Esu), etc.

Para os iorubá esu não tem a conotação pejorativa, de demônio, que tem entre nós. Esu é um orixá como os outros,

e o nome é tradicional, portanto a pessoa usa-o sem problemas.

- **Ikómojáde**

Há um dia certo para se dar o nome aos bebês iorubá do sexo masculino: sempre nove dias depois do nascimento.

Católicos e muçulmanos dão o nome oito dias após o nascimento, independente do sexo.

No *Ikómojáde* - o ritual de dar o nome, usa-se orogbo, água, vinho, sal e mel. O chefe da família dá orogbo para o recém nascido comer, para ter vida longa. Depois toca os lábios do bebê com sal e mel, para ele ter uma existência alegre, e em seguida abençoa a criança, e distribui os orogbos para todos comerem.

Por causa da importância dada à escolha do nome, e de sua relação com diversos fatores da vida da família, existe o seguinte provérbio:

“Ile l’ai wò sò omò l’oruko” (é a casa que se deve observar primeiro, antes de dar o nome à criança).

Entre os iorubá cada pessoa possui, também, seu *oriki* (cântico de louvor descrevendo o que a pessoa é, ou o que se espera que a criança venha a ser. Geralmente fala da bravura e honra, se for homem, e da formosura e virtudes, se for mulher).

Mais uma vez, vemos a semelhança entre os costumes tradicionais iorubá e os candomblés de Ketu. Os *iyawo*, na terceira saída, dão o “nome” que receberam de Ifá na feitura, e que é sempre relacionado com o seu Orixá - pai ou mãe (em geral nome composto com Oba para os filhos de Sango, Yeve para os de Osun, Ya os de Oya, Iji, os de Obaluaiye, Nã os de Nanã, Iwin os de Osalá, Odo os de Yemoja etc.).

CASAMENTO E MORTE

O Casamento

Antigamente o casamento era um ato muito importante, e as pessoas casavam assim que tinham condições. Se uma pessoa com condições não quisesse se casar, tinha até que sair da cidade, por causa da insistência dos parentes e conhecidos. Tradicionalmente a escolha da noiva era feita antes dela nascer, ou quando era ainda criança.

Se um rapaz quisesse casar, procurava dentre seus vizinhos um senhor honrado, que tivesse algumas esposas. Primeiramente o jovem visitava a família, levando sempre presentes para agradar o dono da casa. Um dia pedia-lhe que, quando uma das esposas ficasse grávida, caso nascesse uma menina, lhe fosse dada como esposa.

Quando uma das esposas engravidava, o rapaz passava a cuidar do casal. Se nascesse uma menina, ele assumia a responsabilidade do bebê, pois já era considerada sua esposa. Durante o crescimento da criança o rapaz devia

mostrar aos pais que podia cuidar dela, e que nunca a deixaria passar fome.

Quando ela ficava moça, começavam a se encontrar e conversar, e era marcada a data do casamento. A moça não tinha outra opção, e jamais poderia se separar do marido, pois os pais nunca a perdoariam.

- ***Ifojúsóde* - a escolha da noiva**

Com o passar do tempo, surgiu outro modo mais moderno de procurar uma noiva. Quando um rapaz adulto tinha condições para se casar, os pais começavam a procurar-lhe uma esposa, sem ele saber.

Ele, por sua vez, também começava a procurar uma noiva, e seu comportamento mudava. Tomava banho várias vezes ao dia, e passava a cuidar dos dentes, cabelos e unhas. Quando finalmente se apaixonava, contratava uma *alárinà* (investigadora), uma mulher cuja função era descobrir tudo sobre a moça e sua família, porque para casar precisava ter certeza de que era com a pessoa certa.

Se a moça tivesse mau comportamento, ou em sua família houvesse dívidas, mendigos, leprosos, ladrões ou qualquer fato desabonador, o rapaz desistia do casamento. Se ao contrário, tudo fosse positivo, começava o trabalho de conquista.

A *alárinà* elogiava o rapaz na frente da moça, e planejava uma forma de fazer com que se encontrassem. Caso a moça gostasse do rapaz, seguiam-se outros encontros, até resolverem casar. Só então a moça autorizava o rapaz a comunicar o namoro aos pais dela.

- ***Itoro* - o pedido de casamento**

Primeiro o rapaz falava com seu pai, dizendo que “viu uma flor muito bonita na casa de fulano, e desejava colhê-la”, e explicava os entendimentos que já havia tido com a moça. O pai do rapaz ia então à casa da moça, com os membros mais velhos da família, para o pedido de casamento. A esta altura, ela também já havia comunicado ao pai.

Geralmente o pai da noiva marcava uma outra data, para a mãe também estar presente. No dia do pedido o noivo pagava às esposas do pai para banharem a noiva. As famílias e os amigos então se reuniam para o pedido oficial. A família do rapaz levava presentes (vinho, obi, whisky, etc.) para a casa da noiva.

Uma pessoa mais velha chamava os noivos, perguntando à moça se ela gostava do rapaz. Se respondia que sim, eram considerados noivos, e todos bebiam vinho de palmeira para comemorar.

Depois do noivado o rapaz começava a pensar no que iria oferecer como dote ao pai da noiva. No dia da entrega dos presentes, antes de começar a comemoração tudo que o noivo levava era usado para rezar para os noivos. A pessoa mais velha da família da noiva entregava a moça à pessoa mais velha da família do rapaz, recomendando que ela não deveria apanhar, não deveria passar fome, etc.

Os presentes tradicionais oferecidos pelo rapaz à família da moça eram:

mel, cana de açúcar e sal - que quer dizer que eles iriam ter uma vida alegre, boa;

obi e orogbo - significando que eles iriam ter uma longa vida juntos;

búzios (dinheiro) - significando que iriam ser ricos;

pimenta da costa (atare) - significando fecundidade;

azeite de dendê (epo) - que queria dizer que eles não teriam dificuldades na vida.

Após a reza a moça se preparava para deixar a casa dos pais. A partir desse dia a moça passava a morar na casa do noivo, vivendo como esposa.

Todo o enxoval da noiva era dado pelo noivo, quer em forma de dinheiro para as compras, ou dos objetos que ela iria precisar. Em todo o processo, desde a busca da namorada

até o dia do casamento, era sempre o rapaz quem pagava tudo, e a data só era marcada depois de tudo pago. Em algumas localidades, o pai da noiva ainda pedia ao rapaz um dote em dinheiro.

- **O canto nupcial (*ekun iyàwo*)**

O canto nupcial era cantado pelas noivas na véspera do casamento, e faz parte da tradição oral iorubá. O ritual variava de acordo com a localidade, e descrevemos aqui como era na cidade de Oyo, de acordo com pesquisa feita naquele local.

O canto era transmitido de geração a geração, de forma oral. As noivas procuravam mulheres antigas para acrescentar mais versos aos que aprendiam desde a adolescência. Fazem isso por um período de 2 a 3 meses antes do casamento.

O canto nupcial expressava a emoção da noiva sobre as pessoas e coisas que faziam parte de sua vida, especialmente parentes e amigos. Representava seus sentimentos com relação aos parentes, principalmente a mãe. Falava de sua tristeza por ter que ir embora e deixar a família e sua posição na casa. Ia deixar tudo e passar a viver na companhia de um homem a quem pouco conhecia, convivendo com pessoas inteiramente novas para ela. Era um período de incerteza. Por outro lado havia o sentimento de

alegria, pois iria se tornar independente e formar sua própria família.

No dia marcado, primeiro a moça cantava para seus pais, ajoelhada, expressando gratidão e rezando para que eles fossem recompensados pelo trabalho que tiveram com ela, e pedindo a bênção, para ser feliz, não ser estéril nem dar à luz um *abikú*.

Era crença iorubá que a bênção dos pais era essencial no início da nova vida de uma noiva. Pedia-lhes que rezassem para ela ser feliz com os novos parentes. Se um dos pais fosse morto, ia cantar à beira do túmulo, pedindo sua bênção.

Depois saía pela cidade, cantando de casa em casa. Cantava para os parentes e amigos, expressando sua ansiedade, seus medos e incertezas sobre a vida: medo de não saber resolver os problemas tornando-se ridícula ou malquista, medo de ser maltratada ou insultada.

Se no meio do caminho encontrasse uma amiga de infância, deveria cantar lembrando a amizade, as artes que fizeram juntas, dizendo que o que as estava separando não era briga nem inimizade, mas a necessidade de constituir uma nova família.

No canto ela falava discretamente de sua beleza, e do orgulho de ter preservado a virgindade. Tradicionalmente as virgens usavam contas na cintura.

Se encontrasse uma mulher casada estéril, deveria cantar expressando sua simpatia, e rezando para que a outra ficasse fértil. Se encontrasse outra noiva realizando a mesma cerimonia, as duas iniciavam uma competição de canto, como um desafio.

O canto nupcial não tinha rima nem métrica regular. O comprimento de cada verso podia variar, de acordo com a moça. A beleza do canto dependia também da beleza da voz da noiva.

• **O ritual do casamento**

O ritual do casamento variava de cidade para cidade, mas era sempre à noite que a noiva ia para casa do noivo.

Se a moça fosse de família rica penteava os cabelos de forma diferente e colocava roupas e sapatos da melhor qualidade. Se fosse filha de um rei enfeitava os cabelos, braços e pernas com contas de coral. No caminho era cumprimentada como o próprio rei.

Na hora da noiva deixar a casa do pai, este rezava por ela, e toda a família acompanhava as orações, acompanhando a moça até à rua, em cortejo, que passava

pelas casas dos parentes dos noivos, para todos a abençoarem.

Ao sair da casa dos pais a moça recebia um menino ou menina para ficar como seu ajudante (em geral uma irmã ou irmão mais novo). Essa criança passava a executar o trabalho doméstico.

Ao chegar à casa do noivo o rapaz saía, porque a tradição dizia que ela não devia encontrar o noivo dentro de casa. Antes de a moça entrar, o noivo lavava-lhe os pés, para deixar todo o passado do lado de fora e começar uma vida inteiramente nova. Na entrada da porta era colocada uma cabaça, que a noiva devia quebrar com os pés. O número de pedaços em que ela conseguisse quebrar indicava o número de filhos do casal. Por esse motivo, era sempre comprada uma cabaça bem fina, para se quebrar em muitos cacos.

Ao entrar na casa do noivo, a moça era recebida pela família e levada para um quarto, onde ficava durante três dias. No terceiro dia o marido ia dormir com ela, para saber se já havia conhecido outro homem antes dele. Se a moça não fosse mais virgem, era devolvida à família.

Na manhã do quarto dia a família da noiva ia visitar o casal. Se a moça não tivesse casado virgem, a família do noivo dava-lhes de presente um jarro de vinho pela metade,

significando que a mulher era usada. Ela voltava para casa dos pais, e a família ficava coberta de vergonha.

Se a moça fosse virgem, no sétimo dia após o casamento as outras esposas arrumavam tudo, preparavam comida, e todos comemoravam.

A partir daí só se ouvia falar nela após três meses. Havia uma festa em que ela é que fazia a comida, e ela podia sair pela primeira vez para visitar seus pais. Depois desse dia já podia ir às compras, fazer comida para todos, e passava a ser chamada *iyawo* (esposa), até o marido arranjar mais uma esposa.

Sàráà omo - Doar a filha - tipo de cerimônia de casamento feita pelas pessoas que seguiam a religião muçulmana. O pai criava a filha e planejava doá-la como esposa a um pastor muçulmano, calmo e de bons costumes. O pastor só ficava sabendo na véspera, quando o pai mandava dizer que se preparasse para dar banho em uma esposa. Ele não podia recusar, e tinha que se preparar para recebê-la. O pai da moça dava roupas, sapatos, dinheiro, tudo para os noivos, e havia uma grande festa, após a qual eram considerados marido e mulher.

Havia outro processo de casamento muçulmano que era idêntico ao tradicional yorubá, mudando apenas as rezas. O pai do rapaz fazia o pedido ao pai da moça, e no dia

marcado ela era levada, à noite, para casa do noivo, sendo considerados casados.

Atualmente é raro encontrar alguém que ainda siga estes rituais. Modernamente os casamentos são realizados no civil e no religioso, de acordo com a crença e a vontade dos noivos, e é o rapaz que escolhe sua futura esposa.

Casamento católico - cerimônia igual à realizada em qualquer parte do mundo. Na Nigéria quem casar na igreja católica só podia se separar depois de três anos.

Casamento civil - Feito no cartório, o processo é sempre o mesmo, independente de religião. A diferença é que os cristãos juram sobre a Bíblia, os muçulmanos com o Kovan e as pessoas da religião dos orixás juram por Ogun.

Atualmente, nas casas de candomblé brasileiras, a recém-iniciada, chamada iyawo (*iyawo*), após a feitura, não pode sair da casa de santo por um certo período, que varia de casa para casa.

A morte - os rituais de enterro

Os iorubá acreditavam que ao morrer iriam para outro mundo, semelhante a este. Por esse motivo, os mortos eram muito bem cuidados, para não passarem vergonha quando lá chegassem. O caixão seria a casa do morto no outro mundo.

O povo apresentava dois comportamentos diferentes diante da morte. Se morresse um jovem, ou ocorresse uma morte inesperada, era encarada com tristeza. Já se morresse um velho que teve uma vida próspera, todos festejavam.

Se um jovem morresse subitamente, todos choravam muito, e procuravam descobrir o motivo, chamando até o espírito do morto para dizer se fora ele mesmo (espírito) quem havia levado a pessoa, ou se fora um trabalho feito por alguém.

O corpo era enterrado dentro de casa, e a família fazia muitos trabalhos espirituais, para que o mesmo não acontecesse com outros membros.

Se morresse uma pessoa pobre, sem parentes para pagar o enterro, os conhecidos enrolavam o morto em suas roupas, e cavavam um buraco, fazendo o enterro sem nenhuma despesa. No caso de um mendigo ou um leproso, era enterrado no mato, longe da cidade.

Se uma pessoa morresse ao visitar alguém, deveria ser enterrado na casa onde morreu, pelo dono da casa, que mandava avisar a família do morto.

Uma morte muito triste era a de mulher grávida. A criança deveria ser tirada da barriga, e a mulher, em algumas localidades, era levada para o mato, e encostada a uma árvore.

O corpo de um corcunda (*abuké*) também não podia ser enterrado dentro de casa. Devia ser levado para o mato, e feito um ritual.

Já os presidiários não eram enterrados. O corpo ficava jogado para os animais comerem. Por causa disso as pessoas evitavam fazer coisas erradas, com medo de morrer na prisão.

Quando uma pessoa morria de sarampo - que era considerado o *Orisa Sonponno* - a família não podia chorar, para não aumentar a força dele. Todos vestiam roupa de festa, bebiam e dançavam. Não se podia dizer do que a pessoa tinha morrido, só "*Baba gbe e lo*" (o pai o levou), ou "*Baba ti gbe e ni iyawo*" (o pai casou com ele). O enterro era feito pelas pessoas que cuidavam do *Orisa*, e o corpo era enterrado fora de casa, num local que só essas pessoas conheciam.

Quando um raio matava uma pessoa, os filhos de *Sango* levavam o corpo para um lugar chamado *áró*, deitavam-no junto ao fogo, e faziam um ritual para tirar o raio e tentar acordar o morto. Conta-se que havia casos em que a pessoa acordava, mas se o raio fosse fulminante, o corpo era enterrado num local desconhecido da família, com todos os pertences do morto e algumas oferendas.

Se alguém caía de cima de uma palmeira, era enterrado no local onde caiu.

Quem morria afogado devia ser enterrado na beira de um rio.

Os caçadores famosos eram enterrados no mato pelos outros caçadores. Eles pegavam todos os pertences de caça do morto, e colocavam-nos numa árvore próxima ao local, arrumados como se fosse uma pessoa, com o chapéu, a bolsa e a arma presos nos galhos da árvore. Ali eram feitas oferendas para o morto.

Ao morrer um rei, ninguém podia comentar o assunto. Só depois de serem feitos os rituais era dado um toque num tambor especial, anunciando à cidade que o rei havia morrido. Em Oyo o corpo do rei era levado para um lugar chamado *bara*, e até chegar lá o cortejo parava em onze locais diferentes para fazer rituais.

Antigamente o rei era enterrado com doze pessoas: quatro mulheres em baixo, quatro em cima, e dois homens de cada lado do caixão. Eles seriam os empregados do rei no outro mundo. Algumas dessas pessoas chegavam a tomar veneno para serem enterradas com o rei e servi-lo no outro mundo.

- **O tratamento do cadáver**

As circunstâncias da morte, idade e status social de uma pessoa, eram fatores importantes que ditavam a forma

de tratamento do cadáver e a condição das cerimônias do funeral. Quando uma pessoa que teve uma vida longa e respeitável morria de uma forma “boa”, o cadáver era imediatamente enrolado numa esteira, e eram enviadas mensagens aos familiares. Morassem perto ou longe todos os que recebiam a notícia vinham prestar suas últimas homenagens ao morto. Normalmente era nessas ocasiões que as pessoas conheciam os parentes mais afastados: tios, tias, sobrinhos, e primos de terceiro grau, pois todos se reuniam. Enquanto isso eram feitos os preparativos para lavar o defunto.

O cadáver recebia um banho morno, com sabão e esponja. O cabelo da mulher era bem penteado, e o do homem às vezes completamente raspado, ou penteado e escovado. Era costume o filho mais velho estar presente quando o corpo de seu pai era lavado, e ele deveria ser o primeiro a jogar água. Este costume dava ênfase à importância de ter um filho homem como descendente. O banho do defunto era muito importante, porque eles acreditavam que a pessoa teria que estar limpa para ser admitida na morada dos ancestrais. Se um cadáver não fosse lavado dentro do cerimonial, acreditava-se que ele não teria lugar junto aos ancestrais e o espírito ficaria vagando. Esse espírito era chamado *iwin* ou *iseku*.

Depois do banho o cadáver era vestido com roupas adequadas, muito bonitas, em geral todo de branco. Se fosse homem, colocava-se um chapéu branco.

O morto não podia ser vestido de vermelho, caso contrário, ao renascer, seria leproso.

Era então trazido para a sala de estar e colocado numa cama muito bem decorada. Começava a festa, com música e dança. Do lado de fora disparavam-se armas. Representava um sinal de respeito ao morto e uma forma de anunciar ao povo que ocorreu um grande evento.

Como antigamente não havia previsão da duração das cerimônias fúnebres, e poderia ocorrer deterioração, eles tinham métodos muito antigos de preservação, de forma que o corpo poderia ficar dois ou mais dias sem cheirar mal. A idéia era de que o morto não deveria ser enterrado imediatamente, deveria ter a oportunidade de esticar as costas e ter o último descanso na sua morada da terra. Durante esse período as roupas do morto e a decoração da cama onde ele estava deitado eram trocadas, cada uma mais bonita e mais rica do que a outra. Fazia parte das honras rendidas ao morto. As crianças e os parentes próximos davam belos e caros presentes que eram levados pelo morto para o outro mundo.

Muito tempo atrás os túmulos dos iorubá eram cavados dentro de casa, em quartos destinados a esse fim. Os

familiares cavavam um buraco de seis a nove metros, fazendo uma espécie de quarto em baixo. Depois colocavam o caixão no buraco e toda a família jogava terra e conversava com o morto, mandando recados para os outros familiares já mortos. Em seguida os homens cobriam o buraco com terra e matavam uma galinha preta em cima.

Atualmente essa prática mudou. Os túmulos são cavados nos *compounds* familiares.

Os cristãos eram enterrados próximo à igreja, os muçulmanos, na frente de suas casas.

Para os iorubá, enterrar alguém num cemitério comum era deixá-lo de parte e perder contato com ele, porque a veneração normal aos ancestrais, que incluía rituais diversos e rezas, não era adequada para ser feita em lugar público, só podia ser feita em família.

No dia em que o corpo ia ser enterrado, muitas pessoas se reuniam para as últimas homenagens. O enterro normalmente era feito à tarde. O corpo era trazido para fora e colocado num carro (carruagem). Diferentes grupos de dança e canto se apresentavam e eram bem recebidos e remunerados pelos filhos e parentes do morto.

Antes do por do sol a dança parava, e o cadáver, enrolado em lindas e pesadas roupas e numa esteira especial, era levado em solene procissão para o túmulo.

O corpo era colocado cuidadosamente no túmulo, cada parte do corpo arrumada. Eram colocadas junto lindas roupas, peças de prata, dinheiro e tudo que o morto poderia vir a precisar no outro mundo.

Há muito tempo, quando morria um rei ou um chefe importante, escravos e esposas do morto eram enterrados com ele, mas hoje em dia alguns desses costumes antigos mudaram. Não se pode imaginar seres humanos serem enterrados com o chefe morto.

Assim, foi feito um tipo de substituição. Um animal era imolado e o sangue jogado sobre o túmulo. Acredita-se que o animal sacrificado acompanhava o morto para o outro mundo. Antes de fechar o túmulo, muitas das pessoas presentes, principalmente crianças e parentes próximos, rezavam alto e demoradamente enquanto choravam e atiravam terra no cadáver, pedindo-lhe que fizesse uma coisa ou outra pelos vivos que estava deixando. Também mandavam mensagens para os ancestrais que haviam morrido anteriormente.

Esta é uma evidência viva da crença no outro mundo e no poder dos ancestrais.

Acreditava-se que o morto estaria iniciando uma viagem para uma outra esfera, onde ele ou ela iria ser muito mais poderoso do que antes.

Desta forma, entre os iorubá era normal o cadáver ser tratado cuidadosamente.

A mulher era enterrada com os objetos de que necessitaria de imediato: colares, brincos, roupas, comidas e utensílios; um caçador era enterrado com suas armas; uma pessoa da família real era acompanhado por um séquito de empregados e escravos, que eram executados na ocasião do enterro. Podemos deduzir desta prática que era esperado que os mortos tivessem no outro mundo as mesmas vantagens sociais e econômicas que tinham na terra. Isto sugere também que a vida lá continuava de forma muito semelhante à vida neste mundo.

Acreditava-se ainda que os novos ancestrais iam se encontrar com os antigos, e acontecia uma reunião. Por esse motivo os vivos mandavam mensagens para os antigos. Os iorubá forneciam comida a seus ancestrais e faziam oferendas regulares em seus túmulos. Quanto maiores as oferendas, mais bem colocados os ancestrais, e consequentemente maiores os favores que eles poderiam prestar a seus descendentes vivos.

• **Localização do outro mundo**

O problema é definir onde esse mundo está localizado. Os antigos nos dão diversas respostas.

Alguns acreditavam que os mortos tinham uma longa jornada a cumprir para chegar a sua morada. Era preciso atravessar um rio, e havia um barqueiro que precisava ser remunerado. Havia montanhas para escalar, e um porteiro para abrir o portão. Por esse motivo é que se dizia que o recém-morto precisava acumular energia, participando das comidas e bebidas oferecidas nas cerimônias do velório, antes de embarcar para a longa jornada.

Outros diziam que a morada dos mortos era embaixo da terra, e havia quem achasse que os mortos ficavam num mundo invisível separado do mundo dos vivos por um espaço muito tênue, e que eles estavam bem perto dos vivos. Outro grupo achava que os mortos iam para certos vilarejos antigos e mercados na terra dos iorubá.

Há ainda muitas histórias com relação a pessoas que estiveram à beira da morte, depois ganharam consciência e foram privilegiadas em poder fazer relatos de suas experiências durante o intervalo entre desfalecer e voltar à consciência. Essas histórias incluem bater a uma porta, onde seus ancestrais os mandavam de volta, momento em que se achavam no mundo dos vivos.

Há ainda histórias de homens que morreram e apareceram morando em outra vila ou cidade e levando vida normal, até desaparecerem repentinamente, quando sabiam

que os moradores da localidade os haviam descoberto. Há depoimentos de pessoas que encontraram esse tipo de morto.

Também crianças que estavam na escola no momento em que um de seus pais faleceu, testemunharam que seu pai ou mãe foi visitá-los e deixar instruções e mensagens importantes.

Esses espíritos assumem forma humana. Fica muito difícil fazermos uma afirmação categórica sobre o assunto. Como os antigos, até hoje os iorubá não tentam resolver o problema à luz de uma teoria coerente, preferindo usar diversas abordagens e custando a reconhecer as contradições. Conclui-se que para eles é a “alma” que sobrevive à morte, e se Olodumare é sua fonte, a “alma” volta à fonte, para ser usada de acordo com a vontade do deus maior.

Acredita-se que quando a pessoa que está morrendo diz “*Mò nre le*” - “Estou indo para casa” quer dizer que ela está voltando ao lugar de onde veio, aos pés de Olodumare.

- **Crença nos ancestrais**

Até hoje os iorubá acreditam que seus mortos continuam vivendo em outro mundo, crêem na sua existência ativa, e sabem que a morte não finaliza a vida humana, pois a

vida na terra se estende a uma outra vida no além, no local chamado de "morada dos mortos".

Quase todas as religiões tendem a ter uma visão holística da morte: além dos componentes físicos tangíveis, o homem possui um elemento intangível e indestrutível, que sobrevive à morte física - é a "alma".

Com relação aos componentes do ser humano, os iorubá acham que a forma física humana (*ara*) é moldada em barro por Orisanlá. Em seguida Olodumare lhe insufla seu hálito, o chamado *emi* (espírito). Além do *ara* e do *emi* o homem recebe ainda a "alma". O conceito de "alma" é muito complexo e dificilmente é usado no sentido correto.

Por não possuírem vocabulário adequado, os antigos tradutores do iorubá traduziram "alma" como *okan* (coração) ou *emi* (espírito). Coração é um órgão tangível, mas a "alma" é intangível, sendo a essência do ser.

Quando um ser humano vai ser criado, ele recebe o espírito e a "alma", além do corpo físico. Quando o corpo físico morre, o espírito e a essência que aqui chamamos de "alma" não acabam, voltam para Olodumare, que é a fonte que dispõe das "almas" segundo sua vontade.

A religião iorubá enfatiza ao mesmo tempo a reencarnação e a continuação da vida em outro mundo semelhante ao nosso. A morte é vista não como extinção,

mas como uma mudança de uma vida para a outra. Literalmente, um ancestral é alguém de quem uma pessoa descende, por parte de pai ou mãe, que viveu num tempo passado, como um avô ou bisavô. Porém quando os iorubá falam de ancestrais se referem aos espíritos de seus antepassados com os quais os vivos convivem como filhos, de forma afetiva.

Não é qualquer morto que recebe essa consideração. Para receber esse tratamento esses homens e mulheres devem ter vivido bem, ter tido uma vida longa, ter deixado bons filhos e boas lembranças. Crianças ou jovens que morrem prematuramente, mulheres estéreis e todos os que têm uma morte ruim, por exemplo, uma pessoa morta por Sango, Ayelala ou Soponno, ficam excluídos deste grupo respeitável.

Depois da morte, o pai de um homem torna-se para ele a figura mais importante no mundo dos espíritos. O pai é visto como aquele que une o indivíduo à sua linha de ancestrais. Além dele todos os membros de gerações passadas que estão no mundo dos espíritos são considerados ancestrais dessa pessoa, e ele está ligado a todos eles.

Embora os ancestrais incluam homens e mulheres das gerações anteriores, os ancestrais masculinos são muito mais importantes. Para se tornar um ancestral conceituado, um homem tem que viver bem, morrer bem e deixar bons filhos,

que lhe façam rituais de funeral adequados, e que continuem em contato com ele por intermédio de oferendas e orações.

- **Julgamento após a morte**

Estes fatos levantam a questão do julgamento após a morte. Acreditam que o julgamento ocorre o tempo todo, aqui mesmo na Terra. As divindades que combatem o mal podem punir pessoas, que terão assim uma morte “ruim”, mas o julgamento final pertence a Olodumare que decide quem são os bons e os maus. Os bons são privilegiados, indo para o “céu bom”, voltando para a essência que é Olodumare, e os maus indo para o “céu mau”. O julgamento baseia-se nas ações dos indivíduos na Terra.

Os detalhes do julgamento não nos são contados pelos mais velhos, mas eles têm um ditado importante: *“Ohun gbogbo tí a bá se láyé, la óòkúnle rò l’Orun”* (Daremos conta no outro mundo de tudo que fizemos na Terra). Só quando alguém é julgado tem a chance de ir para o “céu bom” se reunir com os ancestrais e viver outra vida.

O “céu bom”, (céu dos nossos pais) é dividido em diversos países, cidades e vilas, onde grupos diferentes de pessoas vivem juntas, como na Terra. Após o julgamento a pessoa boa tem permissão para ir para o local habitado por seus ancestrais, e a vida continua como aqui. Os bons usam

boas roupas, comem boa comida e podem reencarnar e nascer de novo na família.

Se alguém é condenado vai para o “céu dos maus”, onde sofre muito. A alma não pode se reunir com os ancestrais, e quando é liberada, finalmente, não tem chance de ter uma vida normal, e é condenada a vagar por locais desertos, comer restos de comida, vermes, e, às vezes, reencarnar em animais e pássaros.

Por ocasião da morte de parentes, as crianças costumam fazer uma saudação de despedida, desejando que o morto “não coma centopéias, não coma vermes, mas que coma junto com os outros, no céu, todas as coisas boas que se comem por lá.”

Os filósofos iorubá sempre lembram que se você não quer comer centopéias e vermes, no outro mundo, deve se comportar bem, enquanto está vivo. Os seres humanos são responsáveis por suas ações.

• **Reencarnação**

Os iorubá acreditam que os ancestrais têm modos diferentes de voltar ao mundo dos vivos. Uma das formas mais comuns é reencarnar na própria família, nascendo como filho ou neto do morto. Acredita-se que os ancestrais escolhem isso devido a seu amor pela família e pelo mundo.

Para os iorubá o mundo é o melhor lugar para viver. Os vivos desejam ver seus mortos reencarnar o mais depressa possível, depois da morte. Reza-se “*Bàbá/Iya á yá l’ówòò re o!*” (Que seu pai/mãe volte a ser uma criança para você). Às vezes, em seu entusiasmo, dizem: “*Bàbá/Iya á tètè yà o!*” (Que o pai/ mãe reencarne rápido). O filho que tem a sorte de dar à luz ao pai ou à mãe sente-se particularmente feliz.

Quando nasce uma criança os iorubá consultam o oráculo para descobrir qual o ancestral que reencarnou, mas acredita-se que se uma criança nasce logo após a morte do pai ou avô, é a alma do recém morto que está de volta. O menino recebe o nome de *Babatunde* (o pai voltou). Uma menina que nasce após a morte da mãe ou da avó se chama *Iyabó*, ou *Yétúnde* (a mãe voltou).

Não se costuma dar esses nomes a mais de uma criança, após a morte de pais ou avós. Quer dizer, o mesmo pai ou mãe não reencarna diversas vezes, nem em diversos parentes, e sim uma só vez numa determinada criança da família.

Note-se que só os ancestrais bons reencarnam em seus descendentes. Nenhuma família deseja ter a reencarnação de um ancestral que morreu mal. Os maus ancestrais - como já foi dito - reencarnam em animais ou pássaros, e vagam em locais abandonados e desertos.

No Brasil quando morre uma pessoa de Santo, especialmente se tiver um cargo na sua roça, são feitos diversos rituais com o morto e seus pertences. Em seguida a casa passa por longo período de rituais. É o chamado aseşe, de origem iorubá.

- **A viúva (opó)**

Era costume iorubá a viúva não sair de casa, em hipótese alguma, nem pentear os cabelos, durante três meses. Ela devia dormir em cima do túmulo, e ali chorar três vezes ao dia, durante sete dias. Passados os três meses, raspava a cabeça e fazia vários rituais. Só então podia sair à rua.

- **A herança**

As esposas, filhos menores, casa, fazenda, e os demais pertences do morto eram divididos como herança. Se não houvesse um testamento escrito, os membros mais velhos da família se encarregavam da partilha.

Os agraciados eram primeiro o filho mais velho, depois a filha mais velha, e assim por diante, até chegar à caçula.

O SOBRENATURAL NO FOLCLORE AFRICANO

As lendas

Apesar do elemento sobrenatural ser muito marcante no folclore, havia na mente do povo uma distinção bem clara entre realidade e fantasia. As lendas do folclore iorubá abrangiam a terra, o céu (*òkè Orun*), a região sob a terra (*isàlẹ ile*) e a região sob o mar (*isàlẹ omi*).

Nas lendas, duas famílias podiam deixar este mundo e continuar suas lutas no céu, uma mulher poderia alongar a procura de um objeto perdido até ao mundo dos espíritos sob a terra, ou um fazendeiro podia fazer uma plantação de cará sob as águas, na época da seca.

A falta de conhecimento profundo sobre os fenômenos naturais às vezes era responsável pela crença no sobrenatural. Por exemplo, por não terem conhecimento da origem do arco-íris, acreditavam ser uma grande serpente que guardava os tesouros dos deuses.

Ao se sentirem cercados por forças fora do seu controle, conscientes de sua impotência e inferioridade diante da natureza, o medo do desconhecido dava-lhes a certeza da existência de uma força transcendental que não sabiam explicar, mas eram obrigados a aceitar, e atribuíam-na ao sobrenatural. No folclore o povo projetava todos os aspectos do sobrenatural. As lendas refletiam o que as pessoas faziam, o que pensavam, seus valores, alegrias e tristezas. O aspecto mais importante era a intervenção dos deuses, semideuses e espíritos na vida dos seres humanos.

Se uma fazenda produzia mais do que as outras, não era porque o fazendeiro fosse mais trabalhador, e sim porque algo sobrenatural fora infiltrado no solo, ou porque a água da fazenda vinha da terra dos deuses. Se um caçador matasse muitos animais, diziam que era ajuda de um poder sobrenatural.

Dos muitos deuses iorubá, *Qsonyin*, deus das folhas, era o único que aparecia em pessoa para ajudar os seres humanos, quando havia um problema. Ele demorava, mas sua intervenção sempre dava certo. *Qsonyin* era representado de diversas formas: com dezesseis pernas, com quinze, ou mais freqüentemente com uma só perna. A demora em intervir era proposital, pois o suspense era fundamental nas lendas.

A magia era freqüentemente usada nas lendas para livrar as pessoas de situações difíceis, ou para demonstrar sua superioridade. Se uma pessoa de bom caráter corria perigo, sempre era ajudada pelos seres sobrenaturais. Se um inocente fosse acusado e punido por um crime, os deuses ajudavam-no a agüentar o castigo, e mais tarde castigavam os culpados e mostravam a injustiça. Se um órfão fosse maltratado, o espírito de um de seus parentes mortos - geralmente a mãe - vinha ajudá-lo.

Um aspecto muito curioso no folclore iorubá diz respeito às plantas e animais com poderes sobrenaturais. Nas lendas, muitas plantas e animais podiam falar e se comunicar com os seres humanos. Algumas árvores podiam mover-se pela floresta, principalmente entre a meia noite e o amanhecer.

Plantas e animais podiam também assumir forma humana e ir à cidade fazer negócios, nas feiras, ou escolher uma esposa. As pessoas idosas da comunidade podiam reconhecer os homens-árvore pela sua altura excessiva, os homens-serpente por suas mãos pequenas, pele macia e olhos pequenos, e os homens-pássaro pelo pequeno tamanho e a voz aguda.

Os caçadores profissionais, que se embrenhavam nas matas, geralmente acabavam possuindo uma esposa-animal. Eles encontravam seres muito estranhos, inclusive animais que se transformavam em lindas mulheres para escapar da

morte. Geralmente eram tão lindas que os caçadores se apaixonavam e casavam com elas. Naturalmente esses casamentos acabavam mal, pois as outras esposas acabavam descobrindo, e ela assumia a forma original, voltando para a floresta e destruindo muitas pessoas.

Existe uma lenda que conta que *Iansã* se vestia com uma pele de búfalo, e *Ode* (ou *Ogún*) a encontrou e escondeu a pele, levando-a para casa. As outras esposas, com ciúme, disseram onde estava a pele, e ela foi embora, destruindo tudo no caminho.

EXEMPLO DE LENDAS DO FOLCLORE IORUBÁ

A princesa e seu marido

Uma princesa chamava seu marido de *àwé* (amigo), e se recusava a chamá-lo de *bàbá* (pai), que era a forma tradicional de se chamar os maridos naquela localidade. O marido, aborrecido, levou-a para uma floresta e transformou-se em cobra.

Não se importando, ela continuou a chamá-lo de *àwé*. Em seguida ele se transformou num leopardo, mas ela não teve medo. depois ele se transformou num rio profundo, mas ela continuou a chamá-lo de *àwé*. Quando ele se transformou em fogo e começou a cercá-la, ela finalmente gritou: “*Bàbá! Bàbá!*”, em obediência ao que ele queria.

Onidere

Havia um órfão chamado *Onidere* que era muito maltratado pelo homem que tomava conta dele. Comia muito pouco, era obrigado a trabalhar muito, a apanhava demais.

O menino aturava tudo com paciência, mas a antipatia do homem transformou-se em ódio, e ele ordenou a *Onidere* que fosse à floresta e trouxesse ma víbora viva, cultivasse uma terra inculta e pedregosa, e trouxesse a morte, do lugar onde ela mora.

Antes de desempenhar as tarefas o órfão foi até ao lugar onde sua mãe estava enterrada, e evocou seu espírito, cantando uma canção triste. O espírito da mãe deu-lhe poder para desempenhar as três tarefas, e no fim ele ganhou a liberdade.

Mafúèlè

Mafúèlè era uma mulher que sofria de uma malformação congênita e não possuía dentes. Mesmo assim era a esposa favorita de seu marido. As outras esposas, com inveja, armaram um plano para derrubá-la.

Naquela cidade havia o costume de todos os anos sacrificar uma pessoa deformada, na festa da divindade local.

Aproveitando uma longa viagem do marido, as outras esposas convenceram o sacerdote a sacrificar *Mafúèlè* no dia da festa, já que ela não tinha dentes.

Na véspera da festa a mãe de *Mafúèlè* - que já era morta, apareceu para ela e fez seus dentes crescerem instantaneamente. Assim ela foi salva da morte pelo espírito

da mãe, e as invejosas foram decapitadas, por terem enganado o sacerdote.

AS BRUXAS

Os iorubá acreditam em bruxas. Diz a tradição que ao escrever sobre as bruxas deve-se tomar muito cuidado para não mentir. O que aqui dizemos são as verdades ouvidas dos mais velhos.

Só as mulheres podem ser bruxas. É muito difícil, entretanto, alguém confessar espontaneamente essa condição. Em geral as bruxas são más, mas existem bruxas boas.

Como as pessoas viram bruxas?

Sabe-se que as bruxas são filhas de bruxas.

Quando crianças elas desconhecem sua condição. Só quando chegam à idade adulta é que começam a tomar consciência das suas características diferentes. Quando uma bruxa está para morrer, chama a filha de que mais gosta e transmite-lhe sua força e todos os seus poderes, através da boca.

Algumas mulheres querem ser bruxas, mesmo sem serem filhas de bruxa. Elas procuram entrar para a Sociedade

Secreta das Bruxas. Para isso é preciso satisfazer uma série de condições. Algumas conseguem ser aprovadas, e tornam-se bruxas.

A Sociedade Secreta das Bruxas reúne-se de madrugada, para realizar vários rituais. Elas trabalham com o coração, isto é, o corpo fica na cama dormindo e o coração sai. Se acontecer alguma coisa com o coração quando uma bruxa estiver trabalhando, a pessoa morre, pois o corpo que ficou na cama, sem coração, nunca mais acordará.

Por que as pessoas têm medo das bruxas?

Acredita-se que as bruxas são más, invejosas, e podem matar, cegar ou fazer alguém ficar paralítico. Embora nem sempre isso seja verdade, essa crença causa medo na maioria das pessoas.

Hoje em dia com a “moda” das entidades sobrenaturais, como duendes, fadas, gnomos, bruxas, etc. esse medo diminuiu, e a figura da bruxa tornou-se simpática na nossa cultura. Entretanto na cultura africana a idéia de bruxa é bem diferente da nossa.

Como fazer para reconhecer uma bruxa?

Para os iorubá era fácil reconhecer a presença de uma bruxa. Quando aconteciam muitas coisas ruins numa família, os chefes sabiam que era coisa de bruxa, e avisavam a “quem estivesse fazendo isso”, que deveria parar.

Caso continuassem acontecendo coisas más, recolhia-se dinheiro de todas as mulheres da família para fazer uma obrigação, que tinha por finalidade descobrir quem era a bruxa. No dia marcado todas as mulheres deveriam comparecer. O chefe da família rezava e dava-lhes obi para comer. Cada uma devia se ajoelhar, jurar que não era a bruxa e comer o obi. Se alguma delas fosse bruxa, dentro de três dias começava a falar involuntariamente sobre todo o mal que vinha causando à família ao longo dos anos.

As bruxas descobertas com esse método eram punidas de acordo com o costume de cada localidade.

Será que todas as bruxas eram más?

Existiam bruxas boas, que só usavam bruxaria para ajudar algum membro da família que estivesse precisando, ou alguém doente.

Ninguém sabia que havia uma bruxa na família, mas se alguém a denunciasse, ou se por algum motivo fosse descoberta, o marido testemunhava diante do rei que desde que ela chegou, na sua casa só aconteceram coisas boas, e

sua vida melhorou. O rei e todos na cidade passavam a rezar por ela, e era perdoada.

Como as bruxas eram punidas?

Em cada localidade havia uma punição diferente. Dentre as várias maneiras tradicionais de se punir as bruxas, vamos relatar duas:

Havia no mato uma planta chamada “árvore de macaco”. Quem bebesse o suco dessa planta, morreria. Se alguma mulher fosse presa como bruxa, davam-lhe esse líquido para beber. O corpo era levado para uma floresta fora da cidade.

Outra forma era chamar as crianças da cidade para atirar pedras na bruxa, até ela sair da cidade. Em cada cidade as crianças iam fazendo o mesmo, até ela morrer. O corpo era comido pelos cachorros.

As famílias das bruxas ficavam muito envergonhadas, e saíam da cidade, indo viver em outra localidade. Só depois de vinte ou trinta anos é que poderiam voltar a morar naquela localidade sem ter problemas.

Hoje em dia as mulheres não se dedicam mais a fazer bruxarias, mas ninguém pode afirmar que as bruxas estão completamente extintas da terra iorubá...

É interessante procurar conhecer as sociedades religiosas dos iorubá. A Sociedade *Gelede*, por exemplo, composta de devotos das *àje* (feiticeiras), é representada pelas *Iya-Mi* (minha mãe), o que demonstra o grande poder oculto das mulheres.

RELIGIÃO

Como a maioria dos povos antigos, os iorubá eram muito dedicados à sua religião.

É uma religião rica em lendas, que têm a função de normatizar o comportamento individual dentro do grupo, e retratam os orixás com os mesmos defeitos das pessoas comuns, redimindo-os depois por bom comportamento, sofrimento, bravura etc.

Em muitas localidades os rituais de feitura das crianças eram realizados ao nascer. Vale dizer também que cada pessoa tem um único orixá protetor. Não são feitas “qualidades” de santo, nem santo substituto, nem existe “juntó”. Também não acontecem as chamadas “surpresas” quando um orixá “passa na frente do outro”.

Embora tendo o seu orixá protetor desde o nascimento, as pessoas cultuam outros orixás, com diversas finalidades. *Eṣu* é cultuado por todos. Todas as pessoas que trabalham com ferro homenageiam *Ogun*. Os caçadores cultuam *Oḍe*, e assim por diante. Todos respeitam *Oriṣa'nlá*, que é o orixá mais puro, “todo branco por fora e por dentro”.

O número de divindades é impreciso, mas vai de duzentas a mil e setecentas.

A fama de algumas atravessou continentes, enquanto outras são cultuadas apenas em pequenas localidades, e outras ainda tiveram seus cultos extintos e foram esquecidas.

Quem determina o orixá, o tipo de obrigação, e tudo na vida das pessoas é Ifá - o oráculo, que é filho de Orunmila. Não se faz absolutamente nada importante sem consultar Ifá, e quem não seguir sua orientação, por mais estranha que pareça, vai sofrer graves decepções.

Ifá aprova noivados, marca casamentos, decide sobre sociedades, aconselha sobre filhos, negócios, marcação de datas, enfim nada se faz sem procurar o *Oluwo*, que consulta Ifá por meio do *ikin*, do opele Ifa ou dos búzios. Em geral são recomendadas oferendas aos orixás, para que sejam alcançados com sucesso os propósitos da consulta.

Vamos falar um pouco sobre a visão iorubá do criador, *Olodumare*, e em seguida citar algumas das suas divindades e sociedades religiosas.

O PENSAMENTO IORUBÁ SOBRE O CRIADOR

Os iorubá acreditam num criador supremo, chamado Olodumare ou Olorun, que além de criar o céu e a Terra com todos os seus habitantes, criou também as divindades (*oriṣa* ou *imole*) e os espíritos (*ébóra*).

Esses seres são de naturezas diversas. Alguns estão com o Criador desde o princípio, antes da criação da Terra, e são chamados de divindades primordiais. Outros são figuras históricas de reis, heróis, guerreiros, etc., que se transformaram em orixás por seus feitos. Outros representam elementos da natureza: árvores, rios, lagos.

Todos os iorubá acreditam na existência de um Ser Supremo. É muito raro encontrar uma pessoa de origem iorubá que seja atéia. Todos professam uma religião, não importa qual.

Os iorubá que seguem a religião dos orixás respeitam o criador de uma tal forma, que nem pronunciam seu nome. Às vezes referem-se a Ele como *Baba* (pai), ou como *Olojo-oni-o* (o dono do dia de hoje).

Os diferentes nomes usados para designar o Ser Supremo

No Antigo Testamento vemos que os hebreus não pronunciam o nome de Deus. Eles acreditam que Deus é maior e tem que ser respeitado. Procuram referir-se a Ele usando outro nome - *Yaawe*. Da mesma forma os iorubá acreditam que o nome do Criador não pode ser mencionado, em sinal de respeito. Preferem dizer *Eleda* (criador - que criou o céu e a Terra), *Elemi* (aquele que tem o coração dos seres humanos), e muitos outros nomes.

Olodumare - Nome de origem duvidosa. Os mais velhos dizem que tem a conotação de “Alguém que tem a totalidade da grandeza máxima” ou “A majestade imortal de quem os homens dependem”.

Olorun - Significa “Dono do céu”, ou “Senhor cuja morada é o céu”. Nas orações usam a expressão *Olorun-Olodumare* (sempre nessa ordem), significando “Deus supremo que mora no céu e que é todo poderoso”.

Eleda - Significa “Criador”, o Deus Supremo é responsável por toda a criação. É um ser auto-criado, e origem de todas as coisas.

Alààyè - Quer dizer “Aquele que vive”. Sugere que Deus é eterno. Há mesmo um dito popular que afirma: “*A ki*

igbo ikú Olodumare” (Nunca ouvimos falar da morte de Olodumare).

Elemí - Significa “O dono da vida”. Quer dizer que todos os seres devem-lhe a vida. Quando Deus retira a respiração de um ser vivo, este morre. É por isso que ao fazer planos para o futuro os iorubá dizem: “*Bi Elemí kò ba gba a, emi yio se èyi tábi èyiini*” - “Se o dono da vida não a tirar, eu farei isto, ou aquilo”.

Olojoni - Quer dizer “o dono, ou aquele que controla os acontecimentos do dia de hoje”. Enfatiza a dependência total do ser humano e seus planos.

Além desses há mais uma infinidade de outros nomes. Podemos concluir que, para os iorubá, o Ser Supremo é o Criador do Céu e da Terra, aquele que tem a majestade eterna e maior grandeza e que determina o destino dos homens. Embora se diga que sua morada é no céu, ele não é inacessível, nem está afastado dos homens. Entretanto não deve ser evocado por qualquer motivo. A função dos orixás é justamente servir de mensageiros entre os homens e *Olodumare*.

Atributos do Ser Supremo

Transcrevemos abaixo alguns títulos pelos quais *Olodumare* é conhecido, e que podemos identificar em rezas e *oriki*.

É criador - Em todos os mitos a criação da Terra, do céu, de todos os seres vivos e de tudo que existe, bem como de todos os orixás, é atributo de *Olodumare*. Quando aparece qualquer outra divindade, não tem poder decisório, nem autoridade. Serve apenas como mensageiro. O povo diz que "*Ìsẹ̀ Ọlọrun tóbi*" - O trabalho de Deus é poderoso.

É único - Significa que não existe outro como ele. Por isso não existem estátuas representando-o. Há símbolos, mas não imagens, porque nada pode ser comparado a ele.

É imortal - O Ser Supremo é eterno. Não se imagina que o Dono da Vida possa morrer. É descrito como "*óyíyígí ọtá ikú*" - A grande pedra imóvel que nunca morre.

É onipotente - Para ele nada é impossível. É descrito como "*Ọba a sẹ̀ kan ma kú*" - O rei cujos trabalhos são feitos com perfeição. As coisas que ele aprova são bem sucedidas, mas as que não recebem sua bênção tornam-se difíceis ou impossíveis. Há um ditado que diz: "*A dùn ịsẹ̀ bi ohun tí Ọlodumarẹ̀ l'owo sí. A sòrò ịsẹ̀ bi ohun tí Ọlodumarẹ̀ kò l'owo sí*" - Fácil de fazer como aquilo que recebe a aprovação do criador; difícil como aquilo que o criador não aprova.

O povo diz também "*Aisàn ló dùn íwò, a kò rí t'Ọlọjọ se*" (A doença pode ser curada, mas a morte pré-determinada não se pode evitar), porque crêem que o "Controlador dos Acontecimentos Diários" (outro nome para *Olodumare*) pré-determinou o que acontecerá a cada pessoa em cada momento da vida, inclusive a morte, e esse dia não pode ser mudado.

Por esse motivo chamam-no também de *Ọlorun Alagbara* (deus poderoso), *Ọba ti dandan re ki iseje* (rei cujas ordens nunca deixam de ser cumpridas) e *Alèwi-Lese* (aquele que põe e dispõe como quiser).

É omnisciente - Tem conhecimento de tudo. Tudo sabe, tudo ouve e tudo vê. É chamado de *eleti igbo aroye* (aquele que sempre ouve as queixas das pessoas), e também *A-rinu-ode olumo okan* (Aquele que vê o lado de fora e o lado de dentro das pessoas, o desvendador de corações).

É rei e juiz - *Olodumare* é visto como um rei muito importante e um juiz imparcial. Chamam-no *Ọbá a dake dajo* - O rei que senta em silêncio e distribui justiça. Os iorubá acreditam que ele vê tudo: *Bí Ọba aiye ko ri ọ, ti oke 'nwo ọ* (Se o rei da terra não vê você, o rei do céu o vê).

É transcendente - O criador é concebido como um ser social, interessado no que acontece com as pessoas. Protege aqueles que viajam, ou que vão dormir. Ouve as pessoas onde quer que elas se encontrem.

O povo iorubá não lhe ergue templos, mas seu nome está sempre no pensamento das pessoas nas orações ou agradecimentos, em ditados e provérbios. Eles sabem que o ser supremo é o criador e governante do universo, enquanto as divindades, criadas por ele, são seus intermediários.

É descrito pelo povo como *Atererekaye* (aquele que faz o mundo todo sentir a sua presença) ou *Ogbigbà tí 'ngbá alailara* (o que vem para ajudar aqueles que precisam).

Olodumare e os Orixás

O povo acredita que os orixás são intermediários entre os seres humanos e *Olodumare*. Quando querem fazer um pedido ou agradecer ao criador, fazem-no a um orixá.

CONHECIMENTOS SOBRE ALGUNS ORIXÁS

ORISA ESU (EXU)

Esu foi um dos filhos de *Orunmilá* que veio ao mundo em forma de orixá.

Olodumare, Deus Supremo, mandou *Orunmilá* vir tomar conta do mundo, das pessoas e das coisas.

Nessa época havia muitos orixás, mas *Esu* era o mais corajoso, inteligente e brigão. Nas reuniões tomava a frente em tudo, e brigava com os outros. Por isso deixavam-no fazer o que quisesse, e concordavam com tudo que dizia. Assim *Esu* ficou sendo o braço direito de *Orunmilá*.

Até hoje os iorubá lembram-se primeiro de *Esu* em tudo o que fazem, para que ele não atrapalhe, e tudo dê certo.

Esu é representado por uma estátua de barro, pedra, madeira ou ferro, com dezessete marcas em forma de olhos, na frente e nas costas. Estas marcas significam a relação *Esu/Ifá*. Tem ainda sete marcas de um lado e cinco do outro,

totalizando doze, possuindo cada uma um significado. Pode-se colocar búzios nas marcas.

O assentamento de *Eṣu* é representado por qualquer objeto - imagem, pedra etc., e é colocado no chão. No dia de assentar esse orixá ou nos dias de ritual em sua homenagem, as pessoas dão festas e oferecem comidas.

Quando se sacrifica um animal para *Eṣu*, jogam-se as oferendas na cabeça da imagem. Antigamente os devotos de *Eṣu* usavam seres humanos para seus sacrifícios, mas esses rituais foram proibidos há mais de um século.

Há dois lugares específicos para colocar o assentamento: na divisa da cidade (*odi ilu*), sob uma cabana de folhas chamada *koriko*, para proteger todos os habitantes, ou em frente das casas, para proteger seus moradores. Nunca se pode colocar *Eṣu* dentro de casa. É tabu (*ewo*). O povo diz que “*Eṣu* não tem modos”, por isso sua casa deve ficar do lado de fora.

Se não for agradado, *Eṣu* faz maldades, por isso sempre é homenageado antes das cerimônias. Existe uma qualidade, chamada *Burukú* ou *O daran* que é muito mau, e só faz coisas ruins.

Pode-se dar qualquer coisa de presente a *Eṣu*: banana, milho, cará, dinheiro, bebidas ou qualquer outra coisa. Os fazendeiros, ao voltarem de suas terras, quando passam pelo

assentamento à entrada da cidade, costumam dar uma parte da colheita de presente a *Esu*.

A única coisa que *Esu* não aceita é o óleo extraído do caroço do fruto do dendezeiro, chamado *adin*. Por exemplo, se uma pessoa quer se vingar de alguém, coloca *adin* na imagem de *Esu* em nome do outro, e pede que ele seja castigado. Se uma pessoa colocar *adin*, mesmo sem querer, perto da imagem de *Esu*, acontece uma série de coisas ruins naquela casa.

Esu pode ser chamado por diversos nomes: *Elegbera*, *Elegbaa*, *Elegbara*, *Leegba*.

Existem várias qualidades de *Esu*: *Burukú*, *Odaran* - só faz coisas ruins; *Ona* - *Esu* do caminho, da estrada; *Ori* - *Esu* da cabeça de cada um; *Abenuga* - não se assenta mais na Nigéria, porque fazia acontecer coisas ruins a quem falasse mal da casa onde estava assentado.

O povo acredita que há relação entre Ifá e *Esu*, e crê que *Esu* dá filhos a quem não pode procriar. Quem quer ter filhos procura Ifá e faz um trabalho para *Esu*, para engravidar. Quando a criança nasce, recebe um nome em homenagem a *Esu*:

Esutosin (para agradecer a *Esu*),

Esubayila (aquele que mandou parar a morte - em caso de abiku);

Eṣubiyi (Eṣu fez nascer este aqui);

*Eṣudayo (Eṣu dá felicidade); Eṣubola (Eṣu dá riqueza),
e assim por diante.*

As principais cidades nigerianas onde ainda se cultua e homenageia *Eṣu* são: *Ondo, Ilesá, Ibini, Ijebú, Abeokutá e Ekití.*

ORISA ÒGÚN (OGUM)

Ògún é o orixá da guerra e do ferro. Todos precisamos de Ògún para sobreviver, porque a todo momento usamos ferro para comer, trabalhar, locomover. Além de orixá também é considerado mensageiro.

Diz a tradição que Ògún é filho de *Tabùtú* e *Oróninnà*. Sua cidade original, para onde foi quando todos os orixás desceram do céu, é *Ile Ife*. Era um dos mais importantes caçadores. O que mais gostava de fazer era caçar. Daí sua estreita relação com *Osoosi*. Todos os objetos que *Osoosi* usa para caçar são oriundos de *Ògún*.

Conta a história que há muito tempo, quando os orixás desceram para a Terra, encontraram no meio do caminho uma mata cerrada que não dava para ninguém passar. *Orisa'nlá*, que vinha à frente, adiantou-se para abrir caminho, mas sua faca de prata, que era muito frágil, quebrou-se.

Ògún, com sua faca de ferro que corta tudo, conseguiu abrir caminho na mata para todos passarem.

Por esse motivo, quando desceram à Terra, Ògún recebeu em *Ile Ife* os títulos de *Omọ Osin* - pessoa importante da cidade, e *Osin Imọle* - importante entre os orixás. Entretanto não quis ser coroado rei, preferindo usar apenas uma pequena coroa de ferro de nome *akòró*. Por isso chama-se Ògún de *Alakòró* – dono, ou aquele que usa *akòró*.

Como gostava muito de lutar e caçar, um dia foi para o alto de uma montanha (*orioke*), onde havia uma pedreira e uma floresta. Por muito, muito tempo ele ficou no alto da montanha caçando. Depois de vários meses, já cansado, resolveu voltar a *Ile Ife*.

A vida na floresta, o isolamento e a convivência com os animais tornaram-no um homem bruto. Além disso, estava todo sujo, vestido com *mariwo*, coberto de sangue dos animais que matara. Ao descer a montanha foi descrito por alguns *Babalawo*:

Ojo Ògún nti orioke nbọ,

Aso ina lo mu bora

Ewu *eje* lo wo *sorún*...

(no dia em que Ògún desceu a montanha,

vestia uma roupa de fogo,

estava coberto de sangue...)

Esse é um trecho de seu *Oriki* mais conhecido.

Em vez de ir para sua cidade, mudou de rumo e foi a para *Ire*, em Ekiti, estado de Ondo. Lá foi muito bem recebido, deram-lhe comida e bebida. A cidade estava em guerra e *Ògún* conseguiu livrá-la dos inimigos. Por esse motivo foi aclamado como *Onire* - dono da cidade de *Ire*, nome até hoje usado como qualidade de *Ògún*, tanto na Nigéria quanto no Brasil.

A festa de *Ògún* na Nigéria é realizada uma vez por ano, e dura sete dias. Os preparativos começam em julho e a festa é realizada em agosto. Vale dizer que *ògún* em iorubá quer dizer agosto. No dia da festa todas as pessoas que lidam com metais (motoristas, ferreiros, joalheiros) fazem suas oferendas e obrigações para *Ògún*.

No local destinado ao assentamento de *Ògún* coloca-se ferro e pedra. Na Nigéria sua comida predileta é cachorro (*aja*). Come também galinha, obi, cará assado, *iyán* (purê de cará) e *epo*. Sua bebida específica é *emu* (vinho de palmeira). No seu assentamento coloca-se *ada* (facão), *okò* (enxada), dinheiro, búzios e *mariwo*.

Esse local deve ficar ao tempo, dentro ou fora da cidade, no meio de um campo. Em geral no meio de cada cidade há um lugar específico destinado às matanças e

obrigações para Ògún no dia da sua festa. A família que desejar pode também ter um local próprio para cultuar Ògún em sua casa. Há dois tipos específicos de tambor para bater para Ògún: *bembe* e *kalakolo*.

No dia da festa é feita uma prece, lembrando os mortos daquele ano. Em seguida são ofertados os sacrifícios em nome de todas as pessoas da cidade. Depois há um toque de atabaque, que é o sinal indicando que todos já podem fazer suas obrigações individuais, ao final das quais festejam com danças, muita comida e bebida. Todos os animais sacrificados são comidos pelos participantes da festa. Na abertura da festa é feita uma prece, lembrando todos os mortos daquele ano.

Os caminhos de Ògún são sete (*meje*) e daí a confusão de, no Brasil, ser dado o nome de Ògún *Meje* como uma qualidade. Na Nigéria temos:

Alara - come cachorro e toma conta da cidade;

Onire - dono da cidade de Ire, come carneiro;

Ikola - que faz curas (marcas) e come *igbin*;

Elemóná - come cará assado;

Gbenagbena - é escultor e come cágado;

Akirún - no assentamento leva chifre de carneiro;

Makinde - dono da ferrugem. Fica do lado de fora para fazer o mal, do outro lado da divisa das cidades, ou atrás dos muros das casas.

As cidades nigerianas onde se festeja *Ògún* são *Ondo*, *Ilešá*, *Akurš* e *Ekiti*.

ORISA SONPONNO (XAPANÃ)

Sonponno é um orixá muito temido por todos, até por seus filhos. Seu ataque é imprevisível, e o culto é proibido pelas autoridades.

Conta a lenda que ele nasceu de *Yemoja*, quando ela, violentada por seu filho *Orungan*, caiu e se transformou no rio *Ogun*.

Outra lenda diz que *Sonponno* era uma pessoa que envelheceu muito, perdeu uma perna e usava perna de pau. Em uma festa no céu, ao tentar dançar, caiu e todos riram dele. O orixá então começou a bater nas pessoas com a perna de pau, e quem ele tocava pegava a doença *ilé-igbóná* (terra quente), um tipo de sarampo, que causa a morte.

As pessoas que pegam essa doença fazem uma oferenda no mato, com a roupa que estavam usando, obi, peixe, *igbin* e outros animais. Se a pessoa morrer, a família faz o ritual e enterra-a no mato, chamado *igbo-dudu* (mato escuro).

Antigamente seus filhos mandavam a doença, por meio de ebós, para seus inimigos. Como é uma doença epidêmica, e era muito grande o número de pessoas que a adquiriam, o governo investigou e descobriu as causas. A partir daí o governo proibiu o culto.

Sonponno era cultuado em Ibadan, Abeokutá, Ijebu, Oyo, Osogbô, Ilesá, Ekiti, Ondo e Lagos.

ORISA SANGO (XANGÔ)

Sango era rei de Oyo, antes de ser orixá. Era filho de Oranyan, e tinha várias esposas, dentre as quais se destacavam Oya, Oxun e Obá. Sua casa chamava-se eyeo, ou kátúngá.

Era muito conhecido por sua força e coragem, mas era também muito mau, de causar medo. Gostava de demonstrar sua força, e quando falava soltava fogo e fumaça pela boca.

Sango tinha ministros, chamados Ijoye. Quando o rei falava, eles deviam ficar calados, porque quem ousasse falar morreria. Certa vez, dois dos ministros brigaram, e Sango, em vez de resolver a questão pacificamente, colocou atare (pimenta da costa) na boca, aumentou a briga, até que um deles morreu.

O povo ficou decepcionado com o rei, e passou a criticá-lo e ficar com raiva dele. Deixaram de respeitá-lo, nem

respondiam quando ele falava. E assim Sango perdeu a força e o respeito de todos. Desgostoso, saiu da cidade sem rumo certo. Para sua decepção ninguém o seguiu. Nem seus fiéis escravos Oru e Osumare. Só as três principais mulheres foram atrás dele. Mais decepcionado ficou quando ao olhar novamente para trás, Obá e Osun tinham desistido de segui-lo. Só Oya o acompanhava.

Num ponto da estrada chamado ayan parou e decidiu morrer de uma forma que todos pudessem ver. Havia uma árvore chamada igi-ayan, e Sango se enforcou. Como o local ficava no caminho da cidade de Oyo, as pessoas que passavam viam o rei enforcado na árvore e saíam dizendo: "Oba so!" (o rei se enforcou). A frase se espalhou pela cidade.

Os poucos amigos do rei não gostaram e foram a uma cidade onde se faziam grandes feitiços, para destruir a cidade de Oyo. Com vento, chuvas, enchentes e incêndios, a cidade quase ficou totalmente destruída. Os inimigos de Sango, com medo fizeram muitas oferendas, dizendo "Oba ko so!" (o rei não se enforcou). A situação se acalmou, e Sango passou a ser cultuado como oriṣa. O local passou a ser chamado de Koso.

Oya, ao ver o amado morto, virou-se para o norte e de seu corpo começou a sair água. Ela se transformou no rio Oya (Níger), o terceiro maior rio da África, cujo delta tem nove braços.

As pessoas encarregadas de cuidar de Sango chamam-se *àwòro Sango*, ou *Onisango*. Os mais graduados chamam-se *adosu Sango*, e usam um penteado diferencial, com os cabelos presos no alto da cabeça, em tranças e enfeitados com búzios. Os menos graduados usam roupa branca e os cabelos trançados para trás, em dias de festa.

Sango é o *orl̩sa* do *ategún* (vento destruidor), *ojo* (chuva), e *ina* (fogo). No dia de sua festa é obrigatório chover, relampejar e cair pedras do céu. Por esse motivo é chamado *orl̩sa Jakutá* (briga com a pedra e solta-a). Quando começa a chover ninguém pode ficar na porta de casa, porque pode cair um raio. Acredita-se que o raio é mandado por Sango para ir à procura de um ladrão, e se esbarrar em alguém, pode deixar os adultos paralíticos, e matar as crianças.

Sango come *orogbo*, (não come *obi*), galinha, carneiro, galo, cágado, mas sua comida predileta é amalá.

As cidades onde mais se festeja esse *orl̩sa* são: Oyo, Iseyin, Iwo, Ondo, Ilesa, Abeókutá e Ekití.

Quem pede um filho a Sango e consegue engravidar, dá à criança um nome em homenagem ao orixá:

Sangobiyi - Sango fez nascer este aqui;

Sangowamiwa - Sango veio a mim;

Sangotayo - Sango dá felicidade;

Sangogbami - Sango me salvou.

Sango Pipe

Há diversos mitos sobre o início do culto a Sango. Entretanto todos concordam com a sua origem de rei, filho do primeiro *alafin* de Oyo, e que mais tarde ele também foi um *alafin*.

Um dos mais importantes aspectos do seu culto é o Sango-Pipe, um tipo tradicional de poesia oral, para agradecer o orixá e inspirá-lo a atender os pedidos de seus filhos. Os artistas cantam seus versos, contando os feitos do orixá. São orikis cantados. O artista saúda o orixá, seu filho e a família a que pertence. O canto é acompanhado do *batá*, tambor específico do orixá. A dança de Sango chama-se *lankú* e as pessoas não podem errar os passos no dia da festa.

ORISA YEMOJA (IEMANJÁ)

É o orixá do rio *Ogun*, na Nigéria, sendo conhecida também como *Oriša-Odo*, e sua saudação é "*Odo-Iya*" - Mãe do Rio. O nome *Yemoja* significa *Yeye-omo-eja* - mãe dos peixes.

Alguns mitos dizem que é filha de Obatalá e *Oduduwa*, outros, que é filha de *Olokun*, orixá do mar. Casou-se com *Aginju* ou *Igbo*. O fruto do casamento foi Orúngan.

Era uma mulher honesta, forte e respeitada. Um dia seu filho, já adulto, ficou perturbado - dizem que foi *Eṣu* - e passou a tentar matá-la. Naquela época poucas pessoas entendiam de orixá, e ninguém sabia o que fazer para *Orúngan* voltar ao normal. Um dia ele violentou-a e ela com vergonha fugiu da cidade. O filho seguiu-a para matá-la com uma faca. Antes de ser atingida *Yemoja* caiu para trás e morreu.

Dos seus seios brotou muita água, formando *òsá*, a lagoa. De seu corpo saíram muitos orixás: *Oḷòsá*, *Olokun*, *Osoosi*, *Osun*, e outros menos conhecidos.

O culto desse orixá é realizado principalmente nas cidades de *Iró*, *Idi-Iroko* e *Mokoloki*, onde é feita uma grande festa. São cidades circundadas por rios, e para ir a outras localidades é necessário usar canoas ou barcos. Se alguém cai no rio, pedem a *Yemoja* para não deixar a pessoa morrer.

Esse culto se prende à seguinte lenda: Todos os anos, na mesma época, sempre no mesmo local, virava um barco e morria muita gente. Os habitantes do local chegaram à conclusão de que era preciso fazer uma oferenda para o orixá do rio. O maior *babalawo* da região jogou e Ifa pediu que fosse ofertado um barco cheio de presentes para *Yemoja*.

A festa é realizada perto do final do ano. O barco é chamado *Opon Yemoja*, e nele são colocados todos os tipos de presente que agradam o sexo feminino: perfumes, espelhos, pentes etc.

Quando alguém quer pedir ou agradecer alguma coisa a *Yemoja*, oferece sua comida predileta: *egbo* (canjica), colocada num local de culto a *Yemoja*, construído na beira de um rio.

O local destinado às oferendas de *Yemoja* fica situado na beira do rio. Lá são entregues comidas e presentes. Uma vez por ano o povo oferece um barco cheio de presentes a *Yemoja*, para evitar que os barcos afundem no rio. Daí surgiu o costume brasileiro de oferecer a *Yemoja* barcos com presentes.

ORISA-NLÁ-OBÀTÁLÁ-OSANLÁ (OXALÁ)

Obatalá é uma das mais antigas divindades criadas por *Olodumare*. É o orixá que comanda os outros, tem a posição mais alta entre todos.

Seu culto é muito divulgado em toda a terra iorubá, e é chamado por diversos nomes, dependendo da localidade. Em *Ile Ife*, *Ibadan* e outros locais é chamado de *Orişa-nlá*. Em *Igbomoso* é chamado de *Orişa Pópó*. Em *Ejigbo*, *Orişa Ijáyè*. Em *Ugbo*, *Orişa Onilé*. Embora os nomes sejam diferentes, o modo de cultuar é o mesmo.

Acredita-se que tem o poder de fazer seus filhos ficarem prósperos, dando-lhes bens materiais. Diz-se: *Ó gbé omo re, ó so o dajé; ó ni kí won rerinìn, won rerinrìn*. (Ele fica

ao lado de seus filhos e torna-os prósperos; dá-lhes motivo para rir e eles riem).

O nome Obatalá significa Oba-ti-ala - Dono do Alá, Dono da Roupa Branca. Oriṣa-nlá significa Oriṣa-ti-o-nlá - Santo Grande, ou Rei Maior.

Oriṣa'nlá é considerado o pai de todos nós. Foi escolhido por Olodumare para ajudá-lo a criar os seres humanos, moldando rostos, membros etc., dando-lhes forma. Por sua posição junto a Olodumare, tem o título de Igbakejí - Segundo da Criação. Por causa da sua obra tem o título de Aterere-Kaye - Criador, ou ainda Eledá.

Mais ainda, é famoso por sua pureza. Mora em um lugar muito limpo, todo branco, e se veste de branco.

As pessoas o saúdam:

Bàntà, Bàntà n'nu àlà!

Ó sùn n'nu àlà

Ó jí n'nu àlà

Ó tinú àlà dide

Ba 'nlá! okọ Yemòwó!

Òriṣa wù mi ní bùdó!

Ibi rè l'oriṣa kale

(Imenso de roupas brancas! Dorme de roupa branca, acorda de roupa branca. Ele levanta de roupa branca. Venerável Pai! Esposo de Yemòwó! Me deleita seu modo de ser! É maravilhoso o lugar onde le fica no trono).

Dá filhos às mulheres estéreis, e molda as crianças quando ainda estão na barriga da mãe. É costume dizer-se à futura mãe: "Possa *Orisa'nlá* fazer uma boa obra de arte." O povo reza para que *Orisa'nlá* mostre o bom caminho às mulheres grávidas de suas famílias.

Orisa'nlá tem o poder de tornar seus filhos prósperos, fazendo-os aumentar e multiplicar seus bens materiais. Diz-se que "Ele fica ao lado de seus filhos e torna-os prósperos. Dá-lhes motivo para rir, e eles riem."

Olodumare, ou *Alase*, o Dono do *Ase*, o Criador, fazia as pessoas como estátuas: um boneco de barro sem detalhes, só a forma externa. Conta-se que era *Obatala* quem fazia os olhos, nariz, boca, membros, etc. Esta foi a tarefa que ele recebeu de *Olodumare*.

Por moldar os seres humanos é ainda chamado *Alamore* - o Dono do Barro que é Bom. É ainda chamado *Adimula* - aquele que dá a riqueza e a segurança de vida, porque ele dá paz, alegria e força aos que nele se apoiam.

Orisa'nlá é um orixá famoso por sua pureza. Fica num local muito limpo, todo branco, e veste-se de branco. Para explicar por que algumas pessoas são feias e deformadas, os iorubá dizem que os *âfin* (albinos), *irará* (anões), *asukè* (corcundas), *aró* (aleijados) e *odi* (mudos) são criados assim para serem dedicados a *Orisa'nlá*. Foi neles que o orixá mostrou sua força. São considerados "separados para o

orixá". Acredita-se que faz seres defeituosos para, ao vê-los, as pessoas agradecerem por terem nascido perfeitas.

Atualmente a maior comemoração desse orixá é feita em *Igbo*, bairro de *Iranje*. No local destinado a seu culto há estátuas de homens a cavalo portando espadas. Seus sacerdotes têm poderes sobre cobras, rãs, peixes e panteras.

A tradição oral diz que *Orisa'nlá* viveu na Terra e casou-se com uma só mulher, *Yemowo*, boa, sincera e honesta, que não era orixá. Algumas lendas dizem que se casou com *Oduduwa*, outras, com *Naná*, e em algumas tanto *Obatalá* como *Oduduwa* são andróginos.

Obatalá e *Oduduwa* são representados por uma cabaça fechada pintada de branco, sendo *Obatalá* a parte de cima - o céu e *Oduduwa* a de baixo - a Terra.

Orisa'nlá não gosta de brigas, desentendimentos nem de coisas sujas. Tudo que diz respeito a ele deve ser limpo por fora e por dentro, e seus filhos devem ser também honestos e corretos. Podem usar roupa de qualquer cor, mas é preferível que seja branca. As mulheres usam colares de contas brancas foscas chamados *seseefun*, argolas e pulseiras de metal branco. A água para as obrigações de *Orisa'nlá* tem que ser do mesmo dia. Todos os dias, tem que ser colocada água do rio, apanhada de manhã cedo. Essa água deve ser apanhada por uma moça virgem, ou por uma mulher velha que não tenha tido filhos. Ao voltar do rio ela

vem batendo um agogô, para avisar que a mensageira do orixá vem vindo, e as pessoas devem virar de costas. Ninguém deve lhe dirigir a palavra e ela não pode falar com ninguém.

Orisa'nlá não gosta de *osun* (pó vermelho) nem *epo* (azeite de dendê). Não aceita sangue de bicho nenhum, só o líquido branco do *igbin* (sangue branco). A comida de *Orisa'nlá* não deve levar sal nem pimenta. Além de *igbin*, oferece-se *orogbo*, côco, *egbo*, *eko funfun* (acaçá) em número de 16 ou 32, enrolados numa folha de *ewe-iran* (árvore nigeriana), *iyán* (purê de cará), e *obe funfun* - sopa feita com *ori*. O *ori*, na Nigéria, é uma manteiga vegetal, tirada de uma árvore chamada *shea*, ou de algodão.

Nas obrigações colocam-se búzios, mel, e um *eiyele funfun* (pombo branco). Tiram-se algumas penas do pombo, só para enfeitar, e o animal é solto, não é sacrificado.

No dia da festa todos se vestem de branco. As mulheres usam torso e os homens filá. Todos usam contas brancas no pescoço. Nas cerimônias a água é distribuída entre os devotos, e acredita-se que torna as mulheres férteis, e faz muitos outros milagres.

Para louvar sua grandeza os *iorubá* cantam:

Eni s'uju s'emu
Orisa ni maa sin
Ada ni bo ti ri

Orisa ni maa sin

Eni ran mi w'aiye

Orisa ni maa sin

(Aquele que fez os olhos e a boca, é o orixá que vou adorar. Quem cria como quiser, é o orixá que vou adorar. Criador que me mandou para o mundo, é o orixá que vou adorar).

ORISÁ OKO

Orisa Oko era um ser humano que, por ser muito forte, ao morrer transformou-se em orixá. Seu nome era *Ogunjemini*, e era caçador. Não caçava feras, nem grandes animais. Só caçava um pássaro de nome *etú*, que tinha *iyé* (penas) brancas e pretas. *Oko*, por essa característica, ficou conhecido no mundo todo. Ao envelhecer transformou-se num importante *babalawo*, e sabia fazer um *ebó* muito poderoso, chamado *afogse*.

O feitiço consistia em juntar determinadas folhas, algodão usado, camaleão, *eko*, *oju-omi* (planta aquática), sabão da costa e outros ingredientes, dentro de um chifre de antílope. Quem tivesse esse chifre, ao tocá-lo com a boca e falar com as pessoas elas passariam a lhe obedecer.

Com sua força, *Oko* dominou as bruxas, e transformou-se numa árvore chamada *ipóió*, onde elas eram punidas. A árvore tinha um buraco onde eram colocadas as suspeitas. Se

fosse bruxa, só saía a cabeça, se não fosse, a pessoa saía inteira.

A festa desse orixá é realizada uma vez por ano, na época da colheita do cará. O povo só come o cará novo depois que os filhos do *Oriṣa Oko* o comerem. Quem desobedece é castigado e seu pescoço incha como uma bola.

No dia da festa as pessoas pintam o rosto com *efun*. O assentamento desse orixá fica em casa ou no mato. É no mato que se faz o primeiro ritual coletivo, antes das obrigações individuais. Depois todos se reúnem para dançar nas ruas. As pessoas que pedem dinheiro e filhos ao orixá e os que conseguem, dão nomes para homenageá-lo, como *Ooṣàfunmi*, *Abóriṣàde*, *Ooṣégbèmi*.

Orixá Gulutu

É um pequeno orixá que mora na frente da casa do orixá *Oko*. É em sua casa que as mulheres fazem as oferendas, antes de comer o cará do orixá *Oko*. Em seguida levam purê de cará e cará novo, dentro de uma cabaça branca enrolada num pano branco, e percorrem as ruas da cidade. Quem carrega a comida é a esposa do orixá *Oko*, que é escolhida por ele entre suas devotas. É sempre uma mulher alta e robusta, do tipo que ele gostava quando era ser humano.

ORISÁ IBEJI

Chama-se *ibeji* quando a mãe dá à luz duas crianças de uma vez, independente do sexo.

Antigamente não havia gêmeos. Quando nasceram pela primeira vez, as pessoas ficaram assustadas, com medo, pois acharam que era um a coisa diferente. O povo tinha até medo de ir visitar os gêmeos. Por causa desse medo, todos começaram a dar muitos presentes, comidas, fazer trabalhos etc. e assim *Ibeji* virou orixá. *Orisá Ibeji* é quem protege e cuida dos gêmeos que nascem.

Em *Ondo*, antes da colonização inglesa, as pessoas tinham tanto medo de ter filhos gêmeos, que matavam um ao nascer, para ninguém ficar sabendo. Felizmente esse costume acabou.

Por terem sido transformados em orixá os gêmeos passaram a ser muito respeitados. Quando morre um gêmeo, a família faz uma imagem de madeira representando-o para o outro não ficar sozinho. Acreditam que, se não fizer isso, o morto vem buscar o outro. Tudo que se faz ou se dá para o vivo, dá-se e faz-se também para a estátua, seja roupa, comida, etc.

Na Nigéria dá-se uma grande festa quando nascem gêmeos. Há sempre muita comida, muita bebida e muita dança. Não pode faltar feijão branco cozido (*ewa*) e azeite de

dendê. Fazem bacias cheias de feijão cozido com sal e *epo*, e todos comem da própria bacia, com a mão.

No dia da festa de *Ibeji*, a mãe ou outra pessoa que tenha tido gêmeos abre as comemorações, presenteando *Eṣu*, para tudo correr bem.

Todos comem, cantam e dançam:

Epo mbe ewa mbe o, (bis)

Aiya mi ko ja, o ni'ye

Aiya mi ko ja lati bi'beji o

Epo mbe ewa mbe o!

“Tendo dendê e feijão, não tenho medo de parir gêmeos, tendo dendê e feijão.”

A mulher, ao parir gêmeos, sai à rua com as crianças no colo, dançando e cantando de porta em porta, e ganhando presentes em todas as casas. Antes ela consulta Ifá, porque alguns *Ibeji* não querem a comemoração.

Uns preferem que a mãe reúna todos os presentes e os venda na rua, feito camelô, para juntar dinheiro. Geralmente faz-se isso no dia do batizado.

Orisa Ibeji faz a pessoa enriquecer, melhorar de vida, e ganha sempre muitos presentes como agradecimento. Os presentes que se podem dar a *Ibeji* são brinquedos, roupas, comida, mas sempre em dobro.

Os gêmeos devem chamar-se sempre *Taiwo* e *Keḥinde*. O primeiro a sair é *Taiwo* (*to-aiye-wò*) - que significa

“provar o mundo para ver”, e o segundo chama-se *Kehinde*, “o que vem depois”. É considerado o mais velho, embora nasça por último, e manda no irmão. Acredita-se que *Kehinde* manda o irmão sair na frente para provar o mundo e ver como é. Se *Taiwo* chorar, é porque o mundo é doce como mel.

Quando a mulher engravida após ter gêmeos, o filho seguinte deve sempre se chamar *Idowu*, considerado *Eṣu* de *Ibeji*. Todas as vezes que alguém dá um presente para os gêmeos, dá também para *Idowu*.

A cidade onde mais se festeja orixá *Ibeji* é *Àgbádárigi*, no bairro de *Iṣokun*.

Na Nigéria faz-se ebó para *Ibeji* de 8 em 8 dias. *Ibeji* come tudo, mas a comida predileta é: feijão cozido, acará, *ekuru*, acaçá, doces, cana, frangos, *obi*, peixes, ratos, *igbin*, *epo* e sal, sempre em dobro.

No Brasil, nas casas de culto, faz-se tudo em dobro para *Ibeji*. Colocam-se as oferendas em dois pratos separados. Em algumas regiões, dão-se doces, brinquedos, em outras, *caruru*.

ODÙDÙWÀ - ODÙWÀ (ODUDUA)

Recentemente os historiadores vêm tentando mostrar que é um mito a participação de *Odùdùwà* na criação do mundo.

Da mesma forma o seu sexo é motivo de discussão. Seria “a Grande Mãe” ou o “Grande conquistador”?

Apesar de ter havido muito exagero em torno desse orixá, as evidências mostram que ele realmente existiu e teve grande influência na formação do grupo iorubá, representando a conquista do povo por invasores.

Os mitos de *Odùdùwà* são agrupados em duas versões principais: cosmológica e política. A cosmológica descreve-o como orixá, e narra como atingiu uma posição superior aos demais deuses. Conta-se que desceu do céu e criou a Terra em *Ile Ife*, cidade considerada pelos iorubá como centro do mundo e da civilização.

A versão política diz que *Odùdùwà* veio do leste e se estabeleceu em *Ile Ife*, lutando contra os seus antigos habitantes, um grupo Igbo, e conquistado a cidade.

Ambas as versões reconhecem a existência de uma civilização anterior à chegada de *Odùdùwà*.

Pela versão cosmológica *Olodumare* mandou *Obatalá*, que era rival de *Odùdùwà*, para criar o mundo. Entretanto este embebedou-se com vinho de palmeira, e descuidou-se. *Olodumare* mandou então *Odùdùwà*, que criou a Terra, deixando *Obatalá* fazer os seres humanos. Com o hábito de beber, *Obatalá* às vezes se descuidava e fazia criaturas "diferentes" - corcundas, albinos, etc.

ORISA AGEMO (AGEMÓ)

Agemo era uma pessoa muito importante, que virou orixá. Conta a historia que ele envelheceu muito, e em vez de morrer foi para o mato e desapareceu. Até hoje é muito festejado na cidade de *Ijebu*, seu local de origem.

Tradicionalmente as mulheres e crianças não podiam sair à rua no dia da festa desse orixá, pois quem o encontrasse morreria. Até hoje existe esse costume. As mulheres fazem suas compras antes da festa, porque naquele dia não podem sair.

Se uma mulher de outra cidade encontrar o orixá, deve cobrir o rosto, e será perdoada. As mulheres da cidade, que desejarem fazer-lhe pedidos, também devem ir ao seu encontro com o rosto coberto. Acredita-se, entretanto, que se alguma mulher for ao seu encontro apenas por curiosidade, ela morrerá.

O chefe do culto de *Agemo* chama-se *Napa* ou *Ologà*. Seus filhos sempre usam a cabeça raspada. O orixá veste *mariwo* sobre uma roupa fina. Ele é arrumado no mato, num lugar a ele destinado chamado *Agbo-Agemo*, e vem direto para o palácio, abençoar o rei. Durante a festa ele sempre faz um ritual para acabar com algum problema grave da cidade, como doenças epidêmicas. Em caso de extrema necessidade ele vem à cidade mesmo sem ser o dia da festa.

Acredita-se que as pessoas que querem ver *Agemo* devem ficar de joelhos. A sombra do orixá aparece no céu. As pessoas têm medo de chamá-lo ao vivo para conversar ou receber sua bênção.

Além de Ijébu, esse orixá é festejado também em Musin, Odogbolu, Ago-Iwoye, Ode e outras cidades menores.

ORISA ELÀ (ELÁ)

Elá é um orixá masculino. A história relaciona-o a *Orunmilá*. Alguns dizem que *Elá* era filho de *Agbonnirègún*. Outros que era amigo de *Orunmila* e filho de *Olúorogbo*. É considerado um dos orixás mais conceituados e inteligentes.

A festa desse orixá é realizada 16 dias antes da festa de *Orunmilá*. Tanto na festa de *Orunmilá* quanto em seu *oriki* menciona-se *Elá*. Além disso, há relação entre as oferendas feitas aos dois orixás, que são entregues no mesmo local.

Acredita-se que *Elá* veio a Terra para corrigir as falhas dos povos. Por isso era chamado de *Alatunse Ile-Aiye*. Era muito calmo, e sua presença acalmava as pessoas, em qualquer lugar onde estivesse.

Era um pacificador dos povos. Sua missão na Terra era acabar com as lutas entre eles, mas depois de todos os atos de bondade que praticou, os povos se voltaram contra ele. Ao

perceber isso, mandou descer uma corda do céu e subiu por ela, deixando a Terra para sempre.

Depois de sua partida os problemas entre os povos recomeçaram, e eles voltaram a sofrer. Imploraram a Elá para voltar, mas ele nunca mais regressou.

ORÚNMILÁ - O ORISÁ DO ORÁCULO

Orunmilá é uma das principais divindades dos iorubá. É a divindade do oráculo, o segundo em importância depois de *Olodumare*. No dia da criação estava junto a *Olodumare*, e este lhe disse tudo que tinha criado. Muito inteligente, aprendeu tudo, e as pessoas passaram a lhe pedir orientação. Um de seus títulos é *Ibikéji Èdùmàrè* - o segundo em importância, logo a seguir a *Olodumare*.

Foi enviado por *Olodumare*, junto com Obatalá, para orientá-lo na missão de criar a Terra e os seres humanos.

Depois da criação do mundo Orunmilá passou a andar livremente entre o céu e a Terra, servindo de conselheiro. Um orixá que tem condições de pedir a *Olodumare* pelos homens, para evitar ou modificar situações desagradáveis.

Foi intitulado *Gbaiye-Gborun* - aquele que vive no céu e na Terra.

O método pelo qual o oráculo é interpretado chama-se *IFÁ*.

Ifá não é a divindade do oráculo, é o próprio oráculo. A divindade do oráculo, reconhecida como privilegiada com o conhecimento e a sabedoria é *Orunmilá*.

O nome *Orunmilá* significa *Orun-mo-olá* - “O céu conhece o amanhã”, ou *Orun-mo-eniti-o-máa-la* - “O céu sabe quem vai ficar rico”, ou “O céu sabe quem vai sobreviver”.

Recebeu de *Olodumare* força para transmitir a todo o povo a palavra dele, e participou da criação do mundo. Por isso é chamado de *Eleri Ipin* - Testemunha de *Olodumare*. Além de inteligente e bom, *Orunmilá* não mente. O que *Ifá* diz hoje, repete daqui a dez ou cem anos. É também conhecido por *Okítírípi* - o que tem meios para se comunicar e pedir a *Olodumare*.

A noz do caroço de dendê, chamada *ekuro*, é considerada o próprio *Orunmilá*. Antigamente quando se achava um *ekuro* não se podia dizer que era *Ifá* nem que era *Orunmilá*, senão a pessoa era castigada com a morte.

No céu seus pais eram *Òrokó* (pai) e *Alájeru* (mãe). Seus pais da Terra moravam em *Oke-Igeti*, e seu pai chamava-se *Àgbonniregún*.

Ao descer do céu esteve nos seguintes locais: *Usi* em *Ekiti*, *Ado* em *Ibini*, *Òbókún* em *Ilésá* e *Ile-Ife* em *Oyo*, onde

resolveu ficar. Por esse motivo podemos achar referências a Orunmilá como *Ara-Uşj*, *Ara-Ado*, *Ara-Òbókún* ou *Ara-Ife*, que significa "pessoa nascida nessas cidades".

- **IFÁ**

Quando se fala em *Ifá* a maioria das pessoas confunde com o orixá do oráculo - Orunmilá.

Ifá é o próprio oráculo. *Ifá* é hereditário. Para poder colocar as mãos em *Ifá* são necessário muitos anos de aprendizagem. Depois disso a pessoa passa por diversas obrigações, incluindo uma prova com fogo. Quem não recebe *Ifá* como herança de família, deve aprender desde criança, observando o *Babalawo*, e recebendo sua força. Por *Ifá* ser uma força muito grande, muita gente não o deixa sair da família, e não o ensina a ninguém de fora.

Só para começar a aprender, são feitas obrigações com sete, catorze e vinte e um dias, três e seis meses, antes de iniciar o aprendizado. Mesmo assim não pode ver nada. Quando se prepara para começar a ver, o aprendiz faz outras obrigações, e lava o rosto com ervas. Depois de todas as obrigações faz-se uma prova de fogo para ver se a pessoa tem realmente condições para receber *Ifá*.

Como se vê, é bem diferente e rigoroso do que o que se faz na maioria das casas de candomblé brasileiras.

Ifá serve para ver tudo, para todas as pessoas. Na Nigéria o *Babalawo* é consultado para tudo: melhor dia para casamento, fecundação, qualidades do noivo, trabalho, doença, sonhos estranhos, e tudo mais. Todas as decisões importantes só são tomadas depois de consultar *Ifá*: para escolher o rei, abrir casa de santo ou comércio, e tudo mais.

Para ver o presente e o futuro, *Ifá* tem dois mensageiros: *Qsṣnyin*, para casos de doença e fazer remédios, e *Eṣu*, para todos os demais assuntos. Primeiramente dá-se uma oferenda para *Eṣu*, para que tudo corra bem.

A bandeja de madeira trabalhada onde se marca o jogo tem o nome de *ṣṣon-ifá*, e faz parte de uma série de objetos próprios, de uso do *Babalawo*.

• Os Dezesesseis *Odu* de *Ifá*

O jogo de *Ifá* é feito com dezesseis *ekuro*, e os sinais marcados na areia que fica dentro do *ṣṣon-ifá*. O *Babalawo* chama *Ifá* batendo com seu *lroṣe*, que é um objeto especial, de madeira ou marfim. Cada *ekuro* representa um *Odu*.

Existem dezesseis *Odu*. Para se entender o que é *Odu*, basta pensar em signos, que são bem conhecidos por todos. Os *Odu* são mostrados também nas caídas dos búzios. Cada pessoa tem o seu *Odu*, relativo ao momento de seu

nascimento. Os *Odu* deram origem a orixás, mas o seu *Odu* não precisa ser necessariamente o que gerou o seu orixá protetor.

Cada *Odu* tem seus *Itan* (histórias) e seu *oriki* (oração), que devem ser conhecidos e interpretados pelo *Babalawo* para dar a resposta de *Ifá* à consulta feita. Cada *Odu* permite dezesseis combinações com os outros, totalizando duzentas e cinquenta e seis jogadas diferentes.

Diariamente o *Babalawo* dá um pequeno ebo para *Ifá*, e todos os anos faz uma grande obrigação, seguida de uma festa.

OUTROS MÉTODOS DIVINATÓRIOS

Além do *ekuro* - chamado de *ikin*, o oráculo pode ser consultado de outras formas. Também há outros métodos divinatórios sem consulta ao oráculo.

- **Opele, ou Agbigba**

Conta a história que Opele era empregado de Orunmilá. É considerado o segundo jogo de Orunmilá.

O Opele original é feito da casca da árvore *agba-igi*. Pode ser feito também do caroço seco do *agba*, que quando seca parte-se ao meio. Os caroços são unidos com um

cordão, como um rosário. O Opele pode ser feito de quatro cordões com quatro metades, ou dois cordões com oito.

O resultado da consulta ao Opele é exatamente o mesmo encontrado no *ikin*, só que *ikin* é mais completo. As obrigações que se fazem são as mesmas, mas nem todos que sabem ler *ikin* lêem o Opele.

- **Jogo do Obi**

Na Nigéria só o *obi abatá*, que tem quatro gomos, serve para jogar. Não se pode partir o obi com faca de metal. Só pode ser aberto com faca de madeira ou com a mão. Alguns *Babalawo* só jogam *obi*. Um único *obi* pode ser usado para jogar por muitos anos, até a vida toda. Ele fica seco, escuro, mas responde sempre certo ao *Babalawo*. Quando este morre, seu filho herda o *obi*. As obrigações que se fazem para o *obi* também são as mesmas do *ikin*.

Há diversas maneiras de se ler as caídas do *obi*, de acordo com o local. A mais conhecida é ler os gomos abertos e os fechados. Há quem leia pelos gomos macho e fêmea.

- **Ile - Jogo feito com *Iyanrin***

Iyanrin é uma areia muito fina, especial, como se fosse um talco, que fica depositada próximo aos córregos depois da chuva. Deve ser seca e peneirada, para ficar ainda mais fina.

Para ajudar a ler juntam-se 16 pedrinhas, do tamanho de um feijão.

É um jogo muito difícil. O *Babalawo* marca a areia com o dedo, e joga as pedrinhas para confirmar. A obrigação é a mesma de *Ifá*, mas só é feita sobre as pedrinhas. Sangue de animais é tabu para este jogo. Sua obrigação não pode de forma alguma levar sangue.

- **Owo eye - Olokun (búzios)**

Na Nigéria a maioria das pessoas que joga *Olokun* é do sexo feminino, porque *Olokun* é a mulher de *Orunmilá*. Consta de dezesseis búzios, representando os dezesseis *Odu*. A maioria das pessoas prefere jogar com os búzios abertos (sem a parte de trás), mas não faz diferença.

Os locais onde existem mais jogadoras de búzios são: *Osoybo*, *Oyo* e *Ogbomoso*. Faz-se a mesma obrigação de *Ifá*, e pode-se colocar eje nos búzios.

- **Wo-mi-pe**

É uma forma diferente de adivinhar. Não é jogo. O *Babalawo* olha para a pessoa e diz tudo. Quem tem esse dom passa por muitas obrigações e sacrifícios, para poder ver sem jogar.

Essas pessoas são verdadeiros videntes, veem tudo, até os espíritos que estão à volta das pessoas.

Acredita-se que esses espíritos querem enfiar o dedo nos olhos de quem vê, para tirar o dom. Se o adivinho ficar com medo e fugir, perde a visão. Ele tem que enfrentar os espíritos e ficar olhando para eles sem medo.

- **Alokun Awó**

Também não é um jogo. É a evocação do espírito da pessoa viva, que vai se consultar, para falar do seu futuro, ou de uma pessoa já morta para dizer como foi sua morte, quem o matou, etc. É difícil de se ver, mas a voz do espírito, não a do *Babalawo*, fala diretamente no ouvido da pessoa.

Estes são os modos tradicionais de saber o presente e o futuro.

Arte de Ifá

As esculturas e objetos de arte de Ifá vão desde nozes e outras coisas naturais, sem adornos, até sofisticadas esculturas em vasilhas, bandejas etc.

Juntamente com os objetos de *Ifá* encontramos ainda esculturas pertencentes a *Ori* e *Esu*, devido à relação entre eles. Esses objetos preservam crenças religiosas

relacionadas a valores artísticos, e são um elo básico entre religião e arte.

Para consultar *Ifá* o *Babalawo* recita os versos indicados pelo *Odu*, em resposta às perguntas feitas a *Ifá*. *Orunmilá* é o orixá de natureza mais misteriosa. *Ifá*, o oráculo, não possui forma física. Suas esculturas e aparatos complementam seu clima místico de princípio supremo, que restaura a ordem onde há confusão, acaba com a incerteza e devolve a esperança a quem a perdeu.

Ori, a divindade da cabeça, incorpora passado, presente e futuro de um ser humano. É a essência da personalidade. Como não se sabe o que está contido em cada *Ori*, é necessário e é responsabilidade de cada um fazer o possível para ter um *Ori* saudável. Para isso, consulta-se *Ifá*, que prescreve os rituais e as oferendas para cada *Ori*.

Ori é a base de tudo, pois quem não tem um bom *Ori* não consegue receber a vibração de um orixá.

Além de estar estreitamente ligado a *Ifá*, *Eṣu* é o elemento da possibilidade X incerteza. Seu papel no oráculo é extremamente importante. Por essa razão, *Ifá* indica com frequência oferendas para *Eṣu*, para que tudo corra bem, com harmonia. Além dos dezesseis *Odu*, existe o décimo sétimo, *Oṣeturá*, que é o *Odu* de *Eṣu*.

Muito embora *Ifá* possa melhorar o *Ori* de uma pessoa, *Eṣu* é indispensável, para manter o equilíbrio e a harmonia do universo.

As esculturas e objetos de *Ifá* consistem, basicamente, de objetos e equipamentos usados no ato da adivinhação, como:

ikin (noz de dendê),

opele (rosário da adivinhação),

opon-Ifá (bandeja de madeira),

iroke (sino de madeira ou marfim também chamado *irofa*) e

Adà Òoṣá e *Talabí* (pequenas facas de ferro com um sininho no cabo).

Objetos sagrados que são usados pelo sacerdote de *Ifá* em sua casa:

Igba Odu - caixa fechada ou cabaça contendo os objetos que recebeu na iniciação,

Agere Ifá - taça de madeira esculpida com tampa, para guardar as dezessete nozes sagradas,

Apotí Ifá - caixa de madeira ou baú para guardar material ritual, com um compartimento central e quatro periféricos.

Opá oréré, *opá Oṣoro* ou *Osun Babalawo* - bengala de ferro usada num canto da casa do sacerdote.

Como objetos de uso pessoal usados em ocasiões importantes, de cunho social ou religioso, temos:

Ikute Ifá - bengala enfeitada de contas,

Adé Babalawo - coroa do Babalawo,

Àpoo Jerugbe - bolsa decorada com contas,

Odigbe Ifá - boina de contas e

Irukéré - chicote de rabo de cavalo, enfeitado com contas.

Quando se encontram em uma cerimônia importante, os *Babalawo* acenam seus *Irukéré* para se cumprimentar, e como demonstração simbólica de sua posição perante a sociedade. O uso dos objetos é considerado uma honra e um privilégio conferidos ao sacerdote de *Ifá*.

EEGÚN OU EGÚNGÚN

Egúngún é o que o povo chama de *Ãrá-Orun-Kinkin*. Em vida cada pessoa é dirigida por um espírito. Ao morrer, o espírito a acompanha até ao céu. Para evocar os espíritos dos mortos faz-se uma festa uma vez por ano, para chamar

Árá-grun e pedir-lhe para vir à Terra. A festa não tem dia certo.

O espírito não se vê, mas sente-se a presença. É "carregado" por um ser humano do sexo masculino, que é preparado espiritualmente e vestido com uma roupa própria, chamada *ago* que o cobre da cabeça aos pés, que pode ser branca pintada de azul, de tiras coloridas, etc. dependendo do local.

Eegún usa máscara, que pode ser de madeira, cobrindo a cabeça por completo, com furos para o homem poder respirar. Como fica todo coberto, inclusive as mãos e os pés, ninguém sabe quem ele é.

Após preparado esse homem tem todos os poderes e força espiritual dados por *Eegún*. Ele pode fazer coisas incríveis, como flutuar, fazer chover, pegar fogo à distância, aumentar de tamanho, curar epidemias, etc.

Cada família tem o seu *Eegún*, com nomes diferentes. Representa uma pessoa da família que já morreu e volta no dia da festa. Cada cidade também tem os seus *Eegún*.

No dia de *Eegún* sair à rua, ninguém pode encostar nem na roupa dele, devido à sua grande força. Quando é necessário, como em casos de seca, epidemia, etc. ele sai pela cidade, para melhorar a situação.

Há um tipo de *Eegún* que não é incorporação, é folclore. Ele sai pelas ruas da cidade e as crianças correm atrás gritando, e ele bate nelas com uma varinha chamada *atori*. Nesse caso não há envolvimento de nada sobrenatural.

Nas festas de *Eegún* todo o povo se reúne. Quando ele chega, faz milagres, dá conselhos, prevê o futuro, e dança ao som dos atabaques. Os *Eegún* mais velhos e mais fortes sentam e apreciam.

Alguns costumam ir de casa em casa. Ao chegar, os moradores se ajoelham e oferecem-lhe presentes como carneiro, dinheiro, óleo, sal, cabra, mel, etc. Ele então usa todos os presentes para fazer um trabalho para aquela casa, e pede coisas boas para os moradores.

No mato existe um local apropriado para *Eegún* sair. Chama-se *igbàle*, e fica num local chamado *igbo-oro*. Uma pessoa chamada *atokun* toma conta do local.

A presença de *Eegún* deixa bem claro que a relação entre os mortos e os vivos existe e não vai acabar.

Em cada localidade existe um tipo de *Eegún*, com suas peculiaridades. Há vários em *Oyo*, sendo que um deles, o *Elewé*, dança ao som de atabaques especiais, chamados *bátá* e *gangan*.

Em *Ibadan* há um tipo chamado *Alápánsánpá* e outro chamado *Olódòlu*, que só sai quando alguma coisa de ruim

acontece na cidade, e quando sai não pode ser visto pelas mulheres.

Em *Egbá* tem *Gelede*, *Elegbódo* e *Àwùrù*, dentre outros.

Em *Ekiti* recebe o nome geral de *Epa*, com várias qualidades diferentes, como, por exemplo, *Okotorojo*, que usa máscara de madeira.

Em *Ijeru* chama-se *Aje*, ou *Akò Egúngún*.

Em *Ado* recebe o nome de *Eegún Ado*, e divide-se em *Ede* e *Osasa*..

Em *Èkó* (Lagos) há, por exemplo, *Awori* e *Adimuòrìṣa*, com a qualidade *Eyo*.

Em *Akoko*, perto de *Ondo*, há uma qualidade de *Eegún* chamada *Apajebúje* (mata-feiticeiro-e-come), que sai sempre que acontece algo ruim na cidade. Ele percorre a cidade a pé. Sua roupa é feita de folhas secas de bananeira. Quando ele volta para o mato, após percorrer a cidade, o problema fica resolvido. Se for chuva ela para, se for epidemia, acaba em sete dias.

Em *Ikare* existe um *Eegún* que chamado *Olomodun*, que usa penas na cabeça. Usa um tipo de manto de tiras de pano colorido, enfeitadas com espelhos. Este *Eegún* só sai no final do ano, e geralmente trabalha para mulheres que não

podem ter filhos. No ano seguinte as mulheres que ganharam filhos graças a ele levam as crianças para ele ver.

Mas o mais estranho é um *Eegún* da tribo dos Tapas, chamado *Igúnnú*, que chega à altura de 10 a 15 metros.

No Brasil os *Egungún* eram tradicionalmente cultuados somente na Ilha de Itaparica, na Bahia. Atualmente o culto vem sendo difundido em outros locais.

ORÒ, OU SOCIEDADE OSUGBO

Antigamente os iorubá eram dominados pelos membros da sociedade *Orò*. Só era importante quem pertencia à sociedade de *Orò*. Os que não conheciam não eram considerados.

Os membros da sociedade usam roupa preta, como os padres. É uma seita muito forte e fechada. O nome é *Osugbo*, e seus membros é que anunciam a chegada de *Orò*.

Orò é um orixá do *ara-grun*. A origem de Oro é a mesma de *Eegún*, só que não incorpora, é só o espírito. *Orò* significa um orixá do céu ou da morte. Os *iorubá* acreditam que, quando uma pessoa morre, seu espírito pode ser encontrado num local pré-determinado. Como o rosto de *Orò* não pode ser visto, ele só sai de madrugada, e só os homens podem vê-lo. Ninguém do sexo feminino tem permissão para vê-lo, nem que seja uma criança recém-nascida.

Na sua casa, no mato, só entram as pessoas ligadas à seita, que o trazem para a cidade. Sua voz ecoa pela cidade. Quando está chegando, todos são avisados, para não sair à rua. Se uma mulher estiver na rua por acaso, deve entrar na primeira casa e ficar até o dia seguinte. Se uma mulher insistir em vê-lo de propósito, fica doente, branca, inchada, e morre. Se o vir sem querer, ela faz uma obrigação para tirar *Orò* e fica boa. O grito típico de *Orò* é: "*Heepa! Heeparipa!*" (*Orò* saiu!), e as pessoas respondem: "*Wo o firi, ki o gboju kuro...*" ouvindo esses gritos as mulheres ficam sabendo que devem se esconder.

Antigamente era a sociedade *Osugbo* que dirigia a cidade de *Abeokuta*. Dela se originou a sociedade *Ogboni*. Nessa época os pecadores eram punidos pela sociedade com a morte ou a expulsão da cidade.

A festa de *Orò* é sempre na época da abundância de alimentos na localidade onde ele sai.

Rituais feitos pelos membros da seita de *Orò*:

Ìrànà - para tirar *Es*u da cidade ou da cabeça de alguém;

Ìpàde - encontrar o espírito de um morto - o ritual é feito onde a pessoa está enterrada, e um membro da seita veste a roupa do morto.

Orò le e ni ilù - (*Orò*, tira ele da cidade) - para tirar uma pessoa má da cidade.

Em cada localidade *Orò* pode ter um nome diferente. Em *Ekiti* chama-se *Olúa*, e em alguns lugares *Àtogun* e *Ereju*.

SOCIEDADE GELEDE

É uma das mais famosas organizações artísticas e religiosas dos iorubá. Compõe-se de um grupo de pessoas devotas do culto de *aje* (feiticeiras), que são chamadas de *Iya-mi*. Entre os iorubá as feiticeiras representam um aspecto assustador do poder oculto das mulheres.

Junto com os *ajogun*: *iku* (a morte) e *àrún* (a doença), as *aje* são as forças maléficas que devem ser temidas e agradadas, para não atrapalharem o equilíbrio universal.

Como as feiticeiras são seres humanos que fazem parte da sociedade e possuem atributos humanos, elas podem desempenhar uma dupla função, no plano humano e espiritual.

Por isso os *Gelede* são devotados a agradar e cultuar as *Iya-mi*, para terem harmonia, tranquilidade e paz.

As cerimônias *Gelede* são ocasiões rituais muito importantes em diversas localidades, especialmente em *Ketu* (sua terra original), *Sábee*, *Ìjìó* e *Egbado*.

A complicada música e dança Gelede tornou-se tão famosa que há um provérbio que diz: "*Ojú t_o wo Gelede, ti dopin iran*" - Os olhos que assistiram Gelede viram o máximo em drama.

As lindas roupas, seus complicados movimentos, a sátira das máscaras e cantos, representam um rico aspecto da tradição oral *iorubá*.

IDIOMA

O iorubá é a língua pátria de mais de 10 milhões de pessoas que vivem na região oeste da Nigéria e adjacências.

Como todos os idiomas, possui algumas variações regionais (dialetos), mas com o passar do tempo foi se desenvolvendo um iorubá padrão, usado na linguagem escrita e ensinado nas escolas. Existem duas formas ligeiramente diferentes desse iorubá padrão, uma da cidade de Oyo e outra da cidade de Lagos.

O iorubá é um idioma tonal, quer dizer, temos que prestar atenção aos sons e à sua entonação (cadência), de cada palavra. Dependendo da entonação uma palavra de grafia igual pode ter vários significados. A função do acento colocado acima das letras é exatamente indicar o tom.

Enquanto nos outros idiomas que conhecemos a diferença entre as palavras de grafia igual reside na sílaba tônica (ex. inválido/invalido) em iorubá essa diferença está na entonação. Um exemplo típico é fó (quebrar) e fò (lavar) que pode originar frases como "Quebre este prato" ou "Lave este prato", dependendo unicamente da entonação.

Ao falar iorubá devemos ter em mente que

1. O som das vogais é sempre o mesmo, não varia como em português (bola, boneca).

2. As sílabas são entrecortadas por uma leve respiração (*tètè = tè-tè - cedo, kòkò = kò-kò - cacau*) enquanto em português a pronúncia é direta (bola, coco).

3. Todas as consoantes são pronunciadas com a mesma energia (*Baba* (pai), *dúdú* (escuro))

4. Não existem grupos consonantais nem sílabas acabadas por consoantes.

5. Também não existem ditongos. As seqüências de vogais são pronunciadas como sílabas separadas. Por exemplo, *Láipé = Lá-i-pé* (cedo) é considerado trissílabo, e *raúráú = ra-ú-rá-ú* (completamente) é polissílabo.

NOMES PRÓPRIOS E TÍTULOS

Nomes Próprios

Modernamente está sendo adotado o sistema europeu, com nomes e sobrenomes numa ordem pré-fixada, devido à necessidade cada vez maior de possuir um registro civil com diversas finalidades: viagens, casamento, morte, eleições etc.

- **Sistema primitivo**

a. Cada família possuía um *oríle*, isto é, um nome representando o símbolo do totem do grupo primitivo que a originou. São nomes como *erin* (elefante). As crianças adotavam o *oríle* do pai, mas as mulheres casadas mantinham o original de sua família. Cada grupo familiar possuía um grande *oriki* (tipo de reza exaltando os grandes feitos) em homenagem a esse nome, e recitavam-no em ocasiões especiais.

b. Quem nascia em condições especiais tinha um nome próprio *àmútorunwá* - "trazido do outro mundo", isto é, era obrigatório ter aquele nome. Os mais comuns são *Táíwò* =

provar o mundo (primeiro gêmeo a nascer), *Kehindé* = chegar atrás (segundo gêmeo a sair), *Idowú* (filho que nascia depois dos gêmeos), *Dàda* (criança que nascia com muito cabelo), *Ìgé* (criança que nascia com os pés primeiro), *Òjó* (quem nascia com o cordão umbilical enrolado no pescoço).

c. Todos recebiam um ou mais nomes *àbísò*, dados pelos parentes mais velhos uma semana após o nascimento, na cerimônia chamada *ikómojádè*, em que a criança aparecia em público pela primeira vez. Estes nomes refletiam o sentimento da família, as circunstâncias, e podiam conter uma referência ao culto praticado pela família. Seu número é infinito.

Como exemplo citamos *Babátúndé* - "O pai voltou" - nome dado a um menino cujo avô morreu pouco antes dele nascer, porque acreditavam que os avós reencarnavam nos netos. O nome correspondente feminino é *Yétúndé* ou *Ìyábo* - "A mãe chegou".

A palavra *Adé* (coroa) aparecia muito em nomes masculinos de famílias reais. Por exemplo, *Adétòkunbo* (a coroa voltou do outro lado do mar) quando o pai da criança voltou recentemente do exterior.

Os nomes que se referiam a cultos são aqueles que homenageavam os orixás por terem feito a criança vir ao mundo, por exemplo, *Fasina* - *Ifá* abriu o caminho, ou *Ògúnkeye* - Honra a *Ogún*.

Todo um conjunto de nomes está ligado a *abikú*, como vimos anteriormente.

Esses nomes *abiso* tendiam a ser abreviados sem seguir nenhuma regra fixa, por isso não havia muitas pessoas com o mesmo nome.

d. Em certos grupos, além do grande *oriki* familiar as crianças recebiam pequenos *oriki* pessoais.

Há restrições ao uso do nome *abiso*. Por exemplo não se deve chamar por esse nome uma pessoa mais velha, ou com um cargo mais importante.

Exemplo desses nomes:

Àdùkè - ela que nós disputamos para cuidar

Akàndé - Ele que tem a vez para vir

Àjàní - Ele, que nós lutamos para ter.

• **Modificações**

Com o advento do cristianismo e do islamismo, foram usados muitos nomes cristãos, como Samuel, Michael, etc. e islâmicos, como Aminú, Latifatu, etc. em lugar do nome *àbisó*. Estes passaram a ser vistos pelos convertidos como resquícios do ateísmo. Entretanto atualmente voltaram à moda.

Os sobrenomes usados atualmente são, na maioria dos casos, um dos nomes dos pais ou avós, como se faz entre nós. Na sua origem podem ser um título, como *Balógun* - Capitão de Guerra, ou um nome de qualquer tipo.

Os iorubá descendentes de escravos de Serra Leoa podem ter nomes ingleses, e famílias que retornaram do Brasil têm nomes portugueses.

Como na maioria dos idiomas, há algumas regras para o uso de nomes. O marido, por exemplo, refere-se à esposa como "minha esposa", pelo primeiro nome ou pelo sobrenome, de acordo com a situação.

Referindo-se a uma pessoa mais velha, além da restrição já citada, é usado um termo de parentesco: *Baba Lágbajá* (pai fulano-de-tal), *Iya Lágbajá* (mãe fulana-de-tal).

Lágbajá, *Temedu* e *Làkásegbè* são usados como "da Silva" no Brasil.

Títulos

Dependendo da localidade, os títulos de chefes podem ser nomes específicos, como *Oni*, em Ifé e *Awùjale* em *Ijebu Ode*, ou formados de *Oni* ou *Ala* (dono de) e o nome do local.

Abaixo do principal chefe há diversos cargos hierárquicos menores. Os nomes podem também ser

especiais ou derivados das funções. Como exemplo temos *Balógun* - chefe da guerra. Seus subordinados são *Òtún Balógun* - o da direita, para o mais antigo, e *Òsì Balogún* - o da esquerda, para o seguinte.

A despeito da mudança rápida de padrões, os iorubá ainda dão muita importância aos títulos tradicionais.

No Brasil podemos ver a influência desse costume no Candomblé, onde há títulos hierárquicos para os principais cargos, e também se usa a distinção semelhante para *Òtún* e *Òsì*.

MESES DO ANO

Existem duas formas de chamar os meses em iorubá, uma tradicional e outra moderna.

A tradicional só é usada na literatura, enquanto a moderna é usada no dia-a-dia.

| | | |
|-----------|--------------------------------|---|
| Janeiro | <u>Sere</u> | O <u>su</u> K <u>ini</u> <u>O</u> dun |
| Fevereiro | Erele | O <u>su</u> K <u>ej</u> i <u>O</u> dun |
| Março | <u>E</u> re <u>na</u> | O <u>su</u> K <u>eta</u> <u>O</u> dun |
| Abril | Igbe | O <u>su</u> K <u>er</u> in <u>O</u> dun |
| Mai | Ebibi | O <u>su</u> K <u>ar</u> un <u>O</u> dun |
| Junho | Okudu | O <u>su</u> K <u>efa</u> <u>O</u> dun |
| Julho | A <u>g</u> e <u>m</u> o | O <u>su</u> K <u>e</u> je <u>O</u> dun |
| Agosto | Ogun | O <u>su</u> K <u>e</u> jo <u>O</u> dun |
| Setembro | <u>O</u> w <u>e</u> w <u>e</u> | O <u>su</u> K <u>esa</u> n <u>O</u> dun |
| Outubro | <u>O</u> w <u>a</u> ra | O <u>su</u> K <u>ewa</u> <u>O</u> dun |
| Novembro | Belu | O <u>su</u> K <u>oka</u> nl <u>a</u> <u>O</u> dun |

Dezembro

Ope

Osu Kejila Odun

DIAS DA SEMANA (nomes tradicionais)

| | | |
|---------------|---------------------------|---------------------|
| Domingo | <u>Ojo</u> <i>Àiku</i> | Dia do Descanso |
| Segunda-feira | <u>Ojo</u> <i>Aje</i> | Dia de Lucro |
| Terça-feira | <u>Ojo</u> <i>Isegun</i> | Dia da Vitória |
| Quarta-feira | <u>Ojo</u> <i>Riru</i> | Dia da Confusão |
| Quinta-feira | <u>Ojo</u> <i>Bo</i> | Dia da Criação |
| Sexta-feira | <u>Ojo</u> <i>Eti</i> | Dia da Falta |
| Sábado | <u>Ojo</u> <i>Abameta</i> | Dia dos 3 Encontros |

PROVÉRBIOS E ADIVINHAÇÕES

Os iorubá têm o hábito de propor adivinhações - *àlò* e citar provérbios - *òwe*. Ambos são simbólicos e se baseiam na experiência.

O *àlò* propõe um raciocínio, e o *òwe* é um exemplo de vida.

Como exemplo de *àlò* temos:

Á dūró, ó dūró, a bere, o bere, a lé e, lé e, kò ló. Ìdahún: òjiji (Nós paramos, ela pára, nós abaixamos, ela abaixa, nós mandamos embora, ela não vai. Resposta: a sombra).

Òwe - (Provérbios)

Os provérbios iorubá só podem ser ditos pelos mais velhos, pois é necessário muita experiência para saber qual provérbio se aplica a uma situação. Se uma pessoa disser um provérbio na frente de outra pessoa mais velha, imediatamente pede desculpas e a mais velha faz uma prece desejando-lhe longa vida para poder dizer muitos provérbios. Em geral provérbios são conselhos sobre a conduta das pessoas em determinada situação. Uns são auto explicáveis,

porém em sua maioria são ditos de forma simbólica, tirados de fábulas.

Há dois tipos de provérbio, os que fazem afirmações sobre a vida, como "O orgulho vem antes de uma queda", e os que generalizam experiências particulares, como "Você pode levar um cavalo até à água, mas não pode fazê-lo beber".

• Exemplo de provérbios

Enia lásán pò ju igbe; enia rere han jú ojú.

(As pessoas más são comuns como os arbustos, mas as boas são raras como os olhos.)

Nwón ní kí arúgbó gbà omò pón ó ní sèbí nwón mọ pé on kò ni ehín.
Nwón ní kí ó pa omò je ní?

(Pediram à velha para ajudar a carregar a criança às costas. Ela respondeu: Mas vocês sabem que não tenho dentes. Alguém lhe pediu para comer a criança?)

Eniti kò ní iyàwó kò mbí àbikú.

(Aquele que não tem esposa não sofrerá a perda dos filhos.)

Oran se ni wò, kò a mọ enití ó fe ni.

(Quando temos problemas é que sabemos quem gosta de nós.)

Orí tí yio je Ogedesùn kò ngbá. Bí nwón ngbé igba iyan bọ a fun un, yio fọ dandan ni.

(Se alguém está destinado a comer bananas, certamente as comerá. Se lhe trouxerem purê de cará a vasilha se quebrará, de qualquer forma, no caminho.)

Olówó pè ilù o kò jó, ojo wo no o máa rí owó pè tire?

(O rico paga uma orquestra, e você não dança. Mas quando você terá dinheiro para pagar uma?)

A maioria dos provérbios iorubá fala das relações familiares, da posição de destaque dos mais velhos no grupo e das obrigações do indivíduo para com a sociedade.

Alguns costumes e o provérbio correspondente:

- A família é muito organizada, cada membro tendo seus direitos e deveres, até mesmo uma criança é tratada com respeito. Cada um tem seu lugar no grupo.

Owo omode kò tó pepe, t'ágbalágbà kò wò kèrègbè.

(A mão pequena da criança não pode alcançar a prateleira alta; a mão grande do adulto não pode penetrar no orifício estreito da cabaça.)

- Como qualquer sociedade, os iorubá não estão

livres dos maus sentimentos, como a inveja.

Opeketè ndàgbà, inú adámò mbàje, mo dì baba tán inú mbí won.

(O crescimento da pequena palmeira evita que se lhe corte a palma. Eu me tornei pai e eles têm inveja.)

- Como a mortalidade infantil é muito grande, há um medo constante de que o filho morra jovem.

Omo kò áyólé, eni omo sin l'ó bi mo.

(Só o homem cujo filho sobrevive tem netos.)

- Uma criança é respeitada pela posição ou virtudes do pai.

Ola baba ní ímú ni yan gbendeke.

(É a honra do pai que permite ao filho caminhar com orgulho.)

- O amor e a devoção da mãe são muito exaltados.

Abiyamo se owo kòtu lù omo re.

(A mãe bate em seu filho com a mão em concha.)

- A posição mais importante é a dos velhos.

Àgbà kò sí ilú bàjẹ

(Quando não há velhos, a cidade se arruina.)

- Uma das virtudes mais importantes é o tato.

A kíf se ojù oníka mesan kà a.

(Nunca seja visto contando os dedos de um homem que só tem nove.)

- Os jovens devem ser humildes e admitir suas faltas.

Elejo kí ímo ejo ro l'ebi k'ó pe lorí ìkúnle.

(Aquele que admite suas faltas não as paga por muito tempo.)

- Os presentes devem ser aceitos sempre de bom grado.

Àwà-yó fi ara re gbodi.

(Aquele que diz: Não queremos mais comida! torna-se impopular.)

- A moderação é uma das virtudes mais elogiadas. Quem aspira alto demais é muito censurado.

Nwón fi o je oba, o nwe Àwúre; o fe je Olorun ní?

(Tendo-se tornado um rei você fica orgulhoso. Você quer tornar-se Deus?)

- Visão é outra qualidade elogiada. Os provérbios criticam aqueles que não podem prever as conseqüências de suas ações.

Obe nké ilé ara re ó ní òn mba àkò je.

(A faca está destruindo sua própria casa, e você pensa que está simplesmente cortando um telhado velho.)

SAUDAÇÕES

Os iorubá dão muita importância às diversas formas de saudação. Além de perguntar sobre a saúde de vários membros da família e fazer referência à hora, as saudações mencionam a circunstância em que se encontra a pessoa cumprimentada.

Quando desejamos cumprimentar alguém de forma informal, familiar, o cumprimento deve ser feito no singular. Quando desejamos um cumprimento formal, polido, ele deve ser feito no plural, mesmo que se dirija a uma só pessoa.

Para chamar a atenção da pessoa que estamos cumprimentando, além de elevar a voz usa-se "O" no final da saudação. Na resposta não é preciso juntar o "O".

Há uma expressão idiomática usada quando duas pessoas não se vêem há muito tempo: "Não faz três dias?" (o três é simbólico); a resposta é sempre a mesma: "Somente um dia!"

Cumprimentos e Saudações

| | |
|----------------|---|
| Bom dia | <u>E</u> <u>karo</u> (O) (forma polida) |
| Boa tarde | <u>E</u> <u>kasan</u> (O) (plural) (<u>E</u> ku <u>osan</u>) <u>O</u> ku <u>osan</u> (singular) |
| Boa tarde | <u>E</u> <u>kurole</u> (depois das 4) <u>E</u> ku <u>irole</u> |
| Boa tarde | <u>E</u> <u>kuasale</u> (pessoas de <u>Ife</u> , <u>Osogbo</u> e <u>Oyo</u>) |
| Boa noite | <u>E</u> <u>kale</u> (O) |
| Até logo | <u>O</u> <u>dabo</u> |
| Até amanhã | <u>O</u> <u>dola</u> |
| Até amanhã | <u>O</u> <u>daro</u> (<u>O daaro</u>) (Boa noite) |
| Resposta: | O, O <u>daro</u> , ki <u>Olorun so</u> wa O! |
| Até outro dia | <u>Ó</u> <u>dígbà</u> |
| Bem-vindo | <u>E</u> <u>kabo</u> (se for a uma casa, a resposta é: O, <u>e kú ilé</u>) |
| Chegada a casa | <u>E</u> <u>kú ilé</u> (na nossa casa) |
| Resposta: | <u>E</u> <u>kabo</u> |
| Como vai? | <u>Se</u> alafia ni? |

Como vai? Se dada ni?

Bem obrigado Alafia ni, adupe

Ao acordar Se alafia la jí? / A à jíire bí?

(Não acordamos bem hoje?)

Resposta: A dupe

Outras pessoas da família:

As crianças Awon omode ò ji bí?

(as crianças acordaram bem?)

Resposta: Nwon jí a dupe

Seu pai?/ mãe? Baba nko?/ Iya nko?

Resposta: Ó wà Ou Ó mbe

Seus filhos? Awon omode nko?

Resposta: Nwon wà/Nwon mbe

Fez boa viagem? Se alafia le de?

Chegou bem? Dada ke de bí?

Pessoa que não vemos há muito tempo:

Não faz três dias? *Kó tó ijo metá?* (Simbólico)

Resposta: *ijo kàn pelu.* (Somente um dia)

Bom trabalho! E ku ise (Para pessoas trabalhando,
ou para elogiar um trabalho)

Pessoas sentadas E kú ijóko (Quando chegamos)

Pessoas em pé E kú ìdùró (Quando passamos por alguém em pé esperando)

Gastando E kú ìnàwó (Ao receber um presente, para o anfitrião de festa ou qualquer pessoa que está gastando dinheiro)

Resposta: Kò tó nkànkán (não foi nada - no caso de presente ou dinheiro)

Resposta: E kú àbáse (Obrigado por ter vindo - anfitrião)

Quem sofre perda E kú ìrojú

(Pelas dificuldades que está passando)

Morte de idoso E kú asehindè (vem da crença que o idoso vai reencarnar breve num bebê da família)

Cumprimentos Para Cargos Específicos

Babalawo Sacerdote De Ifa -Aboru-boye O

Resposta: Aboru-boye bo sise

Ode Caçador - Arepa Ogun!

(ou Arinpa Ogun)

Ogun a fow jona (Ogun usa as mãos e queima no fogo)

Resposta: *Onidiriarepa ni ti Ogun*

Alagbede Ferreiro - Aroye O

Resposta: *Ogun A gbe o O*

(Ogun fica a seu lado)

Ogun alana fun o

Abiyamo Mãe de bebê - E ku ewu omo

(Eu Saúdo Seu Filho)

Resposta: *Tire naa a de O*

(Que Seja Bem-Vindo)

Agbe Fazendeiro - owo a ya

(Tenha boa mão)

Resposta: *A dupe O*

Agunpe-akope Subidor de palmeira -

Igba a ro O (Sucesso na tarefa)

Resposta: *Ase O* (É uma ordem)

Awako - Atuko Marinheiro, navegador, canoeiro –

oko a refo O (Boa viagem)

Resposta: *Odigba* (Até à vista)

Onidiri Cabeleireiro - Oju gboro
(Tenha longos cabelos)
Resposta: *Iyemoja a gbe O*
(Iemanjá os proteja)

Gbenagbena Carpinteiro - E ku ona
(Bom trabalho)
Resposta: *A dupe O*

Alàyo Ota Jogador de ayo - *Mo ki ota, mo ki ope*
- Saúdo vocês jogadores

Resposta: *Mo wole O*
(Rogo sua homenagem)

Oba (Rei) *Kabiyesi Alase Ekeji Oriša. Ki Ade Pe*
Lori, Ki Bata Pe Leše (Salve majestade a pessoa mais
importante depois do orixá. Que a coroa fique muito tempo em
sua cabeça e os sapatos em seus pés.)

Resposta: *A gbe o O*
(Que O Rei Nos Proteja)

Ijoye Ministro Ou Oficial - *E bo afin* (Eu O Saúdo
Oficial)

Resposta: *A gbe o O* (... Nos Proteja)

Expressões "Polidas"

Por Favor *E jowo*

Obrigado *A dupe (mo dupe)* (Usa-se para agradecer uma saudação)

Obrigado *E se E / E seun* (Para agradecer algo que a pessoa fez.

Não se usa para saudações)

Muito obrigado *E se pupo / A dupe pupo*

De nada *Ko tope*

Desculpe-me *Ma binu*

Com licença *Ago lona*

Posso entrar? *Àgò onílé O?*

Resposta: *Àgò yà O*

Onde você vai? *Níbo lo dà báyi ?*

Resposta: *Mo nlo sí ...ni*

(Estou indo a....)

PALAVRAS ESPECIAIS FORMA DE EXPRESSAR SENTIMENTOS

Palavras especiais

Existem palavras que são usadas num sentido especial, além do seu significado normal.

OJÚ - rosto, olho, é usado nas expressões para dizer o lugar exato onde as coisas aconteceram, a parte principal de um objeto, uma arma ou ferramenta. *Ojú ojà* - o local da feira; *Ojú ibon* - o gatilho da espingarda; *Ojú ise* - função principal; *Ojú ijó* - local onde as pessoas dançam.

Pode ainda ser usado de forma metafórica: *Ojú mi mo* - meus olhos clarearam (passei a ver uma coisa tarde demais); *Ojú mi wále* - minha cara caiu no chão; *Ó fa ojú mi móra* - ele encheu meus olhos (fez com que eu o notasse); *O ó ri pupa ojú mi* - você verá o vermelho dos meus olhos (ficarei muito zangado); *Ojú mi di owo re* - meus olhos estarão nas suas mãos (você deve agir por mim na minha ausência).

ENU - boca. Esta palavra também é usada significando a parte principal de uma ferramenta - *obe yi kú l'enu* - esta

facas está sem corte. Também pode ser usada de forma metafórica - *Enu re tó ile* - sua boca atinge o chão (pessoa cuja palavra é de grande importância); *Enu re dùn* - sua boca é doce (ele tem muita persuasão).

ARA (corpo) X INÚ (barriga por dentro)

Usadas para se referir às partes de um todo. *Mo je die l'ara re ou mo je die n'inu re* - ambas significam eu comi uma porção de... A diferença é que *ara* é uma coisa inteira, maior, como carne, etc. e *inú* é uma composição de coisas pequenas, como ensopado, etc.

Em algumas expressões usa-se também o contraste de *ara* (corpo) com *inú* (mente): *Ó dun mo mi nínú* - agrada-me mentalmente; *Ó dun mo mi l'ara* - agrada-me fisicamente.

ÌDÍ - parte de baixo, base, nádegas. Muito usado para indicar um lugar de grande atividade - *Ìdí moto* - estacionamento ou parada de ônibus. Pode ser usado com o sentido de motivo, causa - *Mo n'awo pupo n'idi òràn yi* - gastei muito dinheiro devido a este negócio.

EHÌN - atrás, costas. Pode significar "do lado de fora". *Àwò ràn ehìn iwé* - pintura do lado de fora do livro (capa). Pode ser usado como ausência: "Fizeram isso na minha ausência" - *Nwòn se e lehìn mi* (por trás de mim).

OWO (mãos) e ESE (pés) - São usados juntos em expressões como: "Eles o receberam com cordialidade" - *Nwon gbà á t'owo t'ese* - Eles o receberam das mãos até aos pés.

"Quando se tornaram amigos íntimos"- *Nígbàtí owo wo owo, ese wo ese.* - quando suas mãos e seus pés se encontraram.

Forma de expressar sentimentos

Os iorubá têm uma forma peculiar de expressar os sentimentos, usando metáforas.

Estou feliz - *Inú mi dùn* - Estou doce por dentro

Me aborrece - *O yo mí lenu* - Faz minha boca sair

Estou triste - *Ó dùn mi nínú* - Ele me fere por dentro / *Ó dùn mi l'okan* - Me fere o coração

Estou aborrecido - *Inú mi bàje* - Estou estragado por dentro

Estou desapontado - *Ara mi bàje* - Meu corpo está estragado

Estou com dor de estômago - *Inú nrun mi* - Estou partindo por dentro

Estou gripado - *Inú nlo mi* - Estou balançando por dentro

Estou com sede - *Òùngbe ngbe mi* - A sede está me secando

Estou com fome - *Ebí npá mi* - A fome está me matando

Quero chorar - *Ekun ngbon mí* - As lágrimas estão me balançando

Outras expressões de uso diário:

Quero evacuar – *Igbonse ngbon mi*

Quero urinar – *Ito ngbon mi*

Estou com frio – *òtutu mù mi*

Estou com calor – *ooru mu mi*

Estou com sono – *oorun nkún mi*

Estou cansado – *ó re mi*

Estou com tosse – *iko nse mi*

Ele é doido – *ori re fo*

DEDICATÓRIAS

Aniversário:

E kú odun O, e kú ojo-ibi!

Feliz Aniversário, Parabéns!

Natal:

E kú odun O, e kú iyedun. Kí Olodumare se odun ni abo fun gbogbo wa. A se yi, se amodun. Ase

Boas Festas. Que você esteja feliz. Que Olodumare faça este ano ser bom para todos nós. Este ano e o próximo também. Assim seja.

Geral:

Pelu gbogbo àse ati alàfia. Kí Olorun wà pelú iwò.

Com todo o axé e tudo de bom. Olorun esteja contigo.

Awa iyo mà ranti. Ranti ile isedale bàbá wa. Olodumare yio ran iwò lowo. Àse ati alàfia.

Nós vamos continuar lembrando. Lembrando as origens, costumes e cultura de nossos ancestrais. Que Olodumare lhe estenda a mão. Axe e tudo de bom.

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande e diversos autores. *Yoruba Oral Tradition - Poetry In Music, Dance And Drama*. Ile Ifé: University of Ifé.

AIYEMI, K. Ajibola. *Yoruba Para Brasileiros*. São Paulo: Edições Populares.

AJAGUNNA, Dr. Richard Yinka Alabi. *Curso Ede Yoruba, Ebo Ati Aṣa Oriṣa Ibile Yoruba*. Rio de Janeiro, 1982.

AWOLALU, J. Omoṣade, B.D., S.T.M., Ph.D. *Yoruba Beliefs And Sacrificial Rites*. Essex, UK: Longman Group Limited, University of Ibadan.

DARAMOLA, Olu. Adebayo Jeje. *Awon Aṣa Ati Oriṣa Ile Yoruba*. Ibadan: Onibonoje Press.

LASEBIKAN, E.L. *Learning Yoruba*. Londres: Oxford University Press.

OGUNBOWALE, P.O. *The Essentials Of The Yoruba Language*. Londres: Hodder & Stoughton.

ROWLANDS, E.C. *Yoruba - A Complete Working Course*. Londres: Hodder & Stoughton Paperbacks.

A DICTIONARY OF THE YORUBÁ LANGUAGE. Ibadan: Oxford University Press, 1980.

THE OXFORD ILLUSTRATED DICTIONARY. Londres: Oxford University Press.

MARIA INEZ COUTO DE ALMEIDA

Portuguesa, Adepta do Candomblé desde 1980. Formada em Psicologia pela UERJ e inglês pela SBCI. Curso de Iorubá com a duração de 1 ano, ministrado pelo Dr. Richard Yinka Alabi Ajagunna, e aulas particulares do idioma ministradas por Michael Ademola Adesoji, em 1983.